

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

A WICCA E A METAMORFOSE DA BRUXA

NATAL/RN

2015

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

A WICCA E A METAMORFOSE DA BRUXA

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

NATAL/RN

2015

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

A WICCA E A METAMORFOSE DA BRUXA

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

(Orientador/ UFRN)

Prof. Nome do examinador

Vinculação

Prof. Nome do examinador

Vinculação

“Yo no creo em brujas, pero que las hay, las hay.”

Miguel de Cervantes

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Deuses por terem trilhado o meu caminho até que eu chegasse a esse tema. Ao Gerald Gardner, por suas contribuições a bruxaria e pela coragem de tirá-la das sombras.

Ao meu noivo, pelo seu apoio e seu amor, não somente durante a construção desta pesquisa, mas por toda a graduação, sempre a me dá forças. Aos meus pais, minha irmã e minha tia, que contribuíram durante todo o curso de História.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sebastião Vargas, pela sua paciência em sempre me ajudar e me ouvir. Pelo seu incentivo para que eu seguisse em frente com essa pesquisa, mesmo com as dificuldades que surgiram no caminho, e agradeçê-lo não apenas pela orientação desta pesquisa, mas por todo o apoio que me deu durante a graduação.

Aos amigos de graduação que ajudaram a tornar esse caminho mais leve e a transformar dias difíceis em sorrisos, especialmente a Anaxágoras Vital, Angélica Thais, Hanna Gabrielle, Gilliard Giorme, Kaline Lorena, Mainara Lima, Monique Silva, Lo-Ami Nakazune, Lúcio Cabral. Aos amigos que mesmo longe contribuíram: Andréa Alves, André Gobi e Daniela Carvalho.

À Profa. Dra. Maria Emília Porto, por ter contribuído para o meu crescimento durante esse curso e por ter estado sempre presente neste caminho que trilhei. À Profa. Dra. Vanessa Spinosa pelas suas discussões em sala de aula que contribuíram para esta pesquisa. À Profa. Dra. Leilane Assunção e ao Prof. Dr. Lígio Maia, por aceitarem compor a banca e que tanto me fizeram aprender durante a graduação.

À todas as bruxas e bruxos, que diretamente ou indiretamente contribuíram, em especial à Aileen Daw, por ter sido tão gentil em me ajudar sempre que precisei. À Klaus Eduardo pela sua gentileza, as horas de conversa e pelas histórias contadas. À Perla Carvalho, pela sua boa vontade de ajudar nesta pesquisa me indicando o caminho até o Klaus. Agradeço aos três por me deixarem entrar em suas vidas.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Norte pela oportunidade de cursar essa graduação de História e finalmente concluí-la.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAWICCA – Associação Brasileira de Arte e filosofia da Religião Wicca

BBB – Brux@s Brasileir@s em Brasília

BOS – Book of Shadows

IBWB – Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil

TCS – Tradição Caminhos das Sombras

TDB – Tradição Diânica do Brasil

RESUMO

A Wicca é uma religião que tem suas práticas voltadas à natureza. Muitos alegam ser ela uma religião antiga, vinda dos tempos primordiais da Antiga Europa e de culto à Deusa-Mãe e ao Deus Cornudo. Para outros, a Wicca é fruto da época do seu “fundador” Gerald Gardner, o século XX. Esta pesquisa tem como foco analisar a construção da imagem da bruxa ao longo da história com a intenção de discutir como os estereótipos e as representações da bruxa tornaram-se tão negativos e distorcidos durante séculos até chegar à contemporaneidade. Discutimos quais foram as contribuições da Wicca para a imagem da bruxa no mundo contemporâneo na tentativa de desmistificarem a visão da bruxaria como pacto demoníaco. A pesquisa trilhou dois caminhos: primeiro, uma revisão bibliográfica sobre o “estado geral da arte” relacionado à Wicca (onde analisamos obras clássicas, produções acadêmicas atuais, além de abordar outras tipologias documentais tais como: blogs, sites, filmes, séries, imagens e escritos produzidos pelos próprios adeptos da Wicca). Em um segundo momento, utilizamos a partir do método da História Oral, selecionando duas entrevistas com sacerdotes da religião. Nosso intuito foi demonstrar as transformações e permanências das representações construídas sobre a bruxa e a bruxaria em si. Desse modo, a Wicca apresentou ao mundo uma nova imagem da bruxa totalmente diferente dos estereótipos que foram criados, além de abrir o caminho para que outros ramos da bruxaria também se revelassem, legitimando no mundo atual, não apenas os wiccanianos, mas os bruxos modernos como sacerdotes que cultuam os deuses e a natureza.

PALAVRAS CHAVES: Bruxas – Wicca – Contemporaneidade

ABSTRACT

Wicca is a religion that has its practices aimed at nature. Many claim it to be an ancient religion, coming from the early times of the Old Europe and the cult of the Mother Goddess and the Horned God. For others, Wicca is the result of the time of their "founder" Gerald Gardner, the twentieth century. This research focuses on analyzing the construction of the witch image throughout history with the intention to discuss how stereotypes and Witch representations have become so negative and distorted for centuries to reach the present. We discussed what were the contributions of Wicca for witch image in the contemporary world in an attempt to demystify witchcraft vision as demonic pact. Research walked two paths: first, a literature review on the "general state of the art" related to Wicca (which analyze classical works, current academic productions, as well as address other document types such as blogs, websites, movies, series, images written and produced by themselves Wiccans). In a second step, we use from the method of oral history by selecting two interviews with priests of religion. Our intention was to demonstrate the changes and maintenance of representations built on the witch and witchcraft itself. Thus, Wicca introduced the world to a young witch image totally different from the stereotypes that have been created, and open the way for other branches of witchcraft also revealed, legitimizing in today's world, not just the wiccans adepts, but wizards modern as priests who worship the gods and nature.

KEYWORDS: Witches - Wicca - Contemporary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1- AS ORIGENS DA BRUXARIA	16
1.1 Conceitos: Bruxaria e Feitiçaria	16
1.2 Bruxaria e Mulheres	19
1.3 Sabá e Pacto Demoníaco	21
CAPÍTULO 2 -WICCA: A BRUXARIA MODERNA	24
2.1 A Wicca na Inglaterra e Gerald Gardner	25
2.2 Wicca e Contracultura	33
2.3 Disseminação da Wicca no Brasil	37
2.4 Caminhos, tradições e liturgia	43
2.4.1 O Altar	46
2.4.2 O Círculo Mágico	49
2.4.3 Os Sabás	50
2.4.4 Os Esbás	53
2.4.5 Os Ritos de Passagem	54
CAPÍTULO 3- A BRUXA NO SÉCULO XXI	55
3.1 Novos caminhos da Bruxaria	55
3.2 Bruxaria e Oralidade	60

CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
BIBLIOGRAFIA	70
FONTES	72
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

No passado, principalmente entre os séculos XV e XVII a imagem da bruxa foi construída negativamente, e representava a mulher em seu aspecto mais sombrio e tenebroso como bruxa, logo associada ao medo, ao terror, ao que assombrava o imaginário europeu da época, formando-se um estereótipo que perpassou os tempos.

Este trabalho tem como foco analisar a construção da imagem da bruxa ao longo da história, com a intenção de discutir como os estereótipos e a representação da bruxa tornaram-se tão negativos e distorcidos durante séculos até chegarem os dias correntes. Busca-se destacar as contribuições que foram feitas a partir do século XX a partir da religião neopagã Wicca, que apresentou a bruxaria ao mundo de uma forma positiva, ao desmistificar a imagem demoníaca da bruxa, e quebrou os paradigmas que se construíram tão solidamente em torno da personificação da bruxa e da bruxaria.

As questões que permearam essa pesquisa foram: Quem eram as bruxas? Como o fenômeno da bruxaria tomou a Europa? Por que elas foram associadas ao diabo? O que é a Wicca? Como a Wicca contribuiu para mudanças na imagem da bruxa no mundo contemporâneo?

A Bruxaria Moderna ou Wicca teve suas origens na década de 1950 na Inglaterra, fundada pelo funcionário público inglês Gerald Brosseau Gardner, que tornou-se conhecido como o pai da Bruxaria Moderna. As crenças dessa religião foram fundamentadas nas teorias do antropólogo britânico Sir James Frazer, em sua obra *O Ramo de Ouro* (1983) e da egiptóloga inglesa Margaret Murray, com *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (2003) e *O Deus das Feiticeiras* (2002). Gardner encontrou na Inglaterra um grupo de bruxas que se denominavam “Wica” e ao conhecer a religião delas, a qual alegavam ser caudatárias do antigo paganismo europeu, ele remeteu aos trabalhos de Murray, que serviram como base de confirmação, que a bruxaria era algo muito mais antigo, e estava enraizado na história européia desde os tempos primitivos, quando se adorava a Grande-Mãe e o Deus das florestas.

Através dessas teorias antropológicas e ao tentar fazer uma reconstrução do paganismo da Europa, em um culto voltado à Deusa e ao Deus, Gardner buscou de um certo ponto de vista retomar a ligação do homem com a natureza e com as divindades primordiais do mundo paleolítico, identificado como a Velha Religião. Ele uniu as novas especulações

antropológicas à suas essas crenças e as experiências que teve no Oriente e as práticas ritualísticas mágicas, fazendo surgir a Wicca.

Gardner teve um papel significativo em instituir a bruxaria como uma religião¹. A publicação de seu primeiro livro sobre a Wicca, em 1954, *A Bruxaria Hoje*, apresentou a bruxaria positivamente ao mundo em um momento que após um árduo período, as leis contra a bruxaria na Inglaterra foram revogadas. Um momento importante também, já que desde fins do século XIX alguns países europeus buscavam se conectar com o seu passado, através dos seus mitos, como uma forma para fortalecer o nacionalismo, que conseqüentemente veio a dar origem ao chamado Neopaganismo, tornando-se esse resgate dos antigos mitos não apenas algo voltado a um cunho político, social ou nacional, mas religioso.

A problematização desta pesquisa está em buscar compreender as concepções sobre a imagem da bruxa que foi construída e como a Wicca no mundo contemporâneo possibilitou a propagação de uma nova representação da bruxa, ao romper com os estereótipos que ainda são vigentes no Ocidente sobre a bruxaria.

Desde a Idade Média e principalmente na Idade Moderna, estereótipos se construíram em torno da bruxa e da história da bruxaria. No período medieval, um discurso misógino foi construído em torno da mulher junto a sua face profanada representada por Eva e o pecado primordial, tornando a mulher um indivíduo fraco, pecador, mentiroso, que se deixava influenciar facilmente pelas tentações da carne, como foi tão bem retratado no manual inquisitorial *Malleus Maleficarum* (1991).

¹ O conceito de religião para Bellah (1969) seria um conjunto de formas e atos simbólicos que são referidas pelos homens como as últimas condições de sua existência. A religião moderna para ele, supera muitos dualismos do passado, rompendo com a simbolização tradicional. Para Cipriani (2007) as religiões evoluíram em cinco fases: “religião primitiva (por exemplo, a dos aborígenes da Austrália), religião arcaica (a dos indígenas da América), religião histórica (nas formas do judaísmo antigo, do confucionismo, do budismo, do Islã, do cristianismo primitivo palestinese), religião pré-moderna (representada pelo protestantismo), religião moderna (em que prevalece o individualismo religioso). As dimensões consideradas são o sistema simbólico-religioso, a ação religiosa, a organização religiosa, as implicações sociais” (CIPRIANI, 2007, p. 248).

Em fins do século XV até o século XVIII o estereótipo da bruxa velha, decrépita, é construído junto à crença do pacto demoníaco e dos voos noturnos, e ao se estabelecer o Tribunal do Santo Ofício, a perseguição tornou-se ainda mais forte contra toda a heresia (SOUZA, 1987, p.15).

Deste modo, crenças associadas aos escritos de teólogos, ao paganismo da antiguidade e às superstições e crenças antigas, junto à histeria coletiva, formou-se o estereótipo da bruxa que foi tão difundido na sociedade e permeou o imaginário coletivo do Ocidente, perdurando até a contemporaneidade.

Por meio da Wicca, essa imagem da bruxa como velha e adoradora do diabo e da sexualidade relacionada ao pecado, passa a ser desconstruída entre os praticantes da religião, que passam a definir a bruxa como uma sacerdotisa da terra, uma mulher que se encontra em equilíbrio com a natureza e os Deuses e representa uma imagem de poder, liberdade. Detentora dos mistérios do feminino, que como mulher, pode se sentir livre e sem amarras de expor a sua sexualidade e os seus desejos sem culpa. A representação da força, independência e sabedoria, de uma mulher que busca o seu conhecimento na vida e na ancestralidade, ao fazer um resgate ao entrar em contato com as forças da natureza e do divino.

Não apenas a Wicca contribuiu para que a bruxa não caminhasse mais na imagem formada nas sombras do passado, mas a própria bruxaria no geral, ao ser revelada ao mundo no caso da Wicca especificamente, abriu um leque para que outros ramos da bruxaria se revelassem e se retirassem das sombras também. Gardner foi quem iniciou esse processo, mas a própria época em que a Wicca se formou também possibilitou os novos rumos que a bruxaria tomaria. A contracultura americana, o surgimento do movimento New Age, a Internet, o cinema e a literatura de fantasia, também muito contribuíram para que a bruxaria e as religiões neopagãs se estendessem pelo mundo e alcançassem reconhecimento e notoriedade.

A metodologia utilizada para esta pesquisa trilhou dois caminhos: a pesquisa e revisão bibliográfica, sobre o Estado da Arte de produção sobre a bruxaria; uma análise da literatura wiccaniana (considerado esotérico, mas que servem como referência ao se buscar estudar e compreender a Wicca), e a análise de algumas teses e dissertações. A Wicca é um assunto de estudo muito recente nas Ciências Humanas, até mesmo por ser uma religião muito nova (institucionalmente), não possui uma bibliografia tão extensa para o seu estudo aqui no Brasil.

O outro método utilizado foi o uso da História Oral Temática por meio de entrevistas com praticantes da religião, além da seleção de alguns filmes e séries de TV que servem para demonstrar as transformações e permanências das representações construídas sobre a bruxa e a bruxaria em si.

As entrevistas foram realizadas com dois sacerdotes wiccanianos, residente de dois estados, uma de Brasília e outro do Rio Grande do Norte. A primeira foi a sacerdotisa Aileen Daw (2015), que possui um trabalho social na internet através de vídeos no *Youtube* e outras páginas da *Tradição Caminhos das Sombras*. O segundo entrevistado foi o sacerdote Klaus Eduardo (2015), que auxilia em eventos pagãos na cidade de Natal, o *Dançando para Florescer* e o *Ventre Negro*. O critério de escolha dos entrevistados se deu por pessoas que já fossem iniciadas na religião, e exercessem uma função sacerdotal, além da importância que cada um representa em sua região para a Wicca.

Filmes e series como *Charmed*, *Jovens Bruxas* e *Da magia à sedução* também serão utilizados para compreender como a mídia expressa a bruxa através de suas produções e qual o efeito causado entre as pessoas de um modo geral.

Esta pesquisa está dividida em três partes: o primeiro capítulo “*As Origens da bruxaria*”, o segundo “*Wicca: A Bruxaria Moderna*”, e como terceiro capítulo “*A Bruxa no século XXI*” e por fim as *Considerações finais*.

O primeiro capítulo está subdividido em: “*Conceitos: Bruxaria e Feitiçaria*”, “*Bruxaria e Mulheres*” e “*Sabá e pacto demoníaco*”. Neste capítulo pretende-se discutir os conceitos de a Bruxaria e de Feitiçaria, explicando as suas origens e como o estereótipo da bruxa e a sua associação ao diabo foi formada.

No segundo capítulo, os subcapítulos estão divididos em: “*A Wicca na Inglaterra e Gerald Gardner*”, “*Wicca e Contracultura*”, “*Disseminação da Wicca no Brasil*” e “*Caminhos, tradições e liturgias*”. Se buscou abordar como se deu a construção da Wicca por Gerald Gardner, seu fundador, com as bases em que ele a formou através de suas crenças e práticas fundamentadas no paganismo e em teorias antropológicas, a inserindo no neopaganismo contemporâneo, como uma religião de culto não somente ao masculino, mas que valoriza o feminino. Também se discute a relação da Wicca com a contracultura, e o quanto esta contribuiu para a sua expansão. A sua disseminação no Brasil. E, por fim,

algumas características da religião, como os seus dogmas, suas tradições, rituais, calendário litúrgico e instrumentos mágicos.

O terceiro capítulo é dividido em: “*Novos caminhos da bruxaria*” e “*Bruxaria e Oralidade*”. Discute-se a expansão que a Wicca tomou após a sua sistematização por Gardner, abrindo o campo espiritual e religioso, para que a bruxaria crescesse e fossem formadas novas tradições e outros caminhos. A partir do momento que a bruxaria saiu das sombras do passado, a bruxa também retornou a luz dos tempos antigos, já que para os praticantes da religião as mulheres dos tempos antigos eram sacerdotisas da terra. Portanto a bruxa no mundo contemporâneo torna a esse aspecto divino e sagrado, ganhando novas características. Também serão analisadas neste capítulo, entrevistas feitas com praticantes da religião, que constará em sua íntegra nos anexos.

1. AS ORIGENS DA BRUXARIA

1.1 Conceitos: Bruxaria e Feitiçaria

Quem foram às bruxas da época medieval e moderna? E o que foi a Bruxaria? São duas questões que nos direciona a compreender a sua formação e o campo mental do período traçado entre os séculos XV e XVIII.

Bruxaria e feitiçaria, embora possuam as práticas mágicas em comum, se diferenciam em seus significados. Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander (2008) explicam que existe uma grande variação da bruxaria entre diversas culturas, que não seria “bruxaria” e sim “bruxarias” existentes no mundo. A palavra bruxa teria origem em “*Witch*” que deriva de “*Wicca*” (praticante masculino da bruxaria) e de “*Wicce*” (praticante feminino da bruxaria), pertencentes ao inglês antigo, que derivam do verbo “*wiccan*”, usado para se referir ao lançamento de feitiço, de encantamento. Já feitiçeira deriva do francês “*sorcier*”, do latim vulgar “*sortarius*” que significa “adivinho”, e serve para se referir tanto ao feitiçeiro como ao bruxo no francês. (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.13).

Laura de Mello e Souza (1987) nos esclarece a diferenciação entre a feitiçeira e a bruxa. A feitiçeira não fez o pacto demoníaco como a bruxa. Ela trabalhava individualmente na fabricação de filtros e poções, buscando solucionar problemas. A bruxa tinha o aspecto demoníaco, além de fazer um pacto, as suas práticas eram coletivas e formavam uma espécie de seita demoníaca. Outra explicação para diferenciá-las, é a explicação antropológica, que a feitiçeira apenas invocava forças do mal e trabalhava com elas, já as bruxas seriam a fonte do próprio mal (SOUZA, 1987, p. 12).

Na obra *Bruxaria e História*, Carlos Roberto F. Nogueira (1991) afirma que o termo bruxaria apareceu pela primeira vez no ano de 589 no mundo rural medieval, e as bruxas não se encontravam nas cidades, mas no campo. A bruxaria seria uma prática mágica rural de caráter coletivo, que assumiu junto ao imaginário de uma coletividade, uma situação passiva, pois a opinião pública era importante na comprovação da existência da protagonista do mundo mágico, a bruxa (NOGUEIRA, 1991, p. 36).

Nogueira (1991) também analisa o significado da bruxaria feito pelo antropólogo E.E. Evans-Pritchard em *Bruxaria, oráculos e magia sobre os Azande* (2004), uma definição que se tornou clássica para a antropologia, que a bruxaria seria:

[...] Como uma ofensa imaginária, pois “uma bruxa não cumpre ritual algum, não pronuncia encantamentos e não utiliza poções. Um ato de bruxaria é um ato psíquico. Feiticeiras causam danos aos homens através de rituais mágicos e drogas malignas”. Aqui a distinção se coloca entre diferentes tipos de meios; os fins são semelhantes. Bruxas e feiticeiras podem molestar os homens. A bruxaria é uma qualidade inerente, enquanto a feitiçaria age em um certo sentido (NOGUEIRA, 1991, p.32).

Essa distinção não explica a bruxaria europeia, mas ela ajuda a compreender a bruxaria como algo que estava no psicológico da coletividade. A bruxaria europeia não foi apenas uma prática herética, contrária a religião católica, mas ela foi o grande mal, a abominação das abominações.

Russel e Alexander (2008) encontram semelhanças entre a bruxaria africana e a bruxaria europeia, ao que diz respeito ao estereótipo formado da bruxa no Ocidente. São geralmente mulheres idosas que se reúnem em assembleias noturnas como os sabás, comem crianças ou as levam à morte. Cavalgam em vassouras e voam nuas, praticando orgias, além de muitos outros motivos em comum que podem ser encontrados em outras sociedades (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.26).

Essas semelhanças podem ser compreendidas por coincidência, difusão cultural, herança arquetípica/cultural ou a existência de uma antiga e coerente religião universal da bruxaria. A bruxaria europeia vai derivar de muitas crenças do Oriente próximo, da Grécia e de Roma, e muitas das ideias que se tinha sobre feitiçaria nessas civilizações vão basear a bruxaria na Europa. O pensamento greco-romano e o hebraico foram os mais influentes. Embora existisse na Antiga Grécia a *Theourgia* que era um refinado sistema de magia, que as suas práticas deveriam ser pertinentes aos deuses, algo aproximado da religião. Havia também os *magoi* (que praticavam feitiçaria maléfica) e eram vistos como uma ameaça para sociedade (RUSSEL; ALEXANDER 2008, p.33).

Já as autoridades romanas eram intolerantes com a feitiçaria considerada também como ameaça a sociedade. O direito romano foi um dos alicerces para a perseguição da bruxaria que tomaria a Europa no mundo medieval e moderno. A própria literatura clássica descrevia as feiticeiras como mulheres perversas e tenebrosas: Circe, Medéia e Canídia, entre outras que também serviram de referencial para se formar à imagem clássica da bruxa (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.35).

Sallman (1989) afirma que as primeiras teorias demonológicas surgiram no fim do século XV e se fundem a um mito demonológico sobre as bruxas que resiste até o fim XVII. Nos primeiros anos do século XV, essa prática repressiva foi primordial, mas foi na década de 1480 que a formulação teórica da bruxaria surgiu com maior nitidez. Pela primeira vez o elo entre sortilégio e bruxaria foi estabelecido. A bula de 1484, promulgada pelo Papa Inocêncio VIII, *summ̄is desiderantis affectibus*, pode ser considerada a carta constitutiva da caça as bruxas, e em seu início diz o seguinte:

Almejamos com a mais profunda ansiedade tal como requer Nosso apostolado, que a Fé Católica cresça e floresça por todos os lados, em especial nestes Nossos Dias; e que toda depravação herética seja afastada dos limites e das fronteiras dos fiéis [...] De fato, chegou-nos recentemente aos ouvidos, não sem que nos afligíssemos na mais profunda amargura, que em certas regiões da Alemanha do Norte, e também nas províncias, nas aldeias, nos territórios e nas dioceses de Mainz, de Colônia, de Trêves, de Salzburg e de Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, a negligenciar a própria salvação e a desgarrarem-se da fé católica, entregaram-se a demônios, a Íncubos e Súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades de ofensas horríveis, tem assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de no vilhas, e tem arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores [...] Roma, Basílica de S. Pedro, 9 de dezembro do Ano da Encarnação de Nosso Senhor de 1448, no primeiro Ano de Nosso pontificado. (KRAMER;SPRENGER, 1991, p.43)

Nesse trecho da bula é possível perceber vários aspectos que serviram de acusações contra as bruxas no longo dos séculos. Após essa bula, dois inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger escreveram o *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras) em 1486. Essa obra se tornou um manual indispensável para os inquisidores durante os três séculos seguintes, e antes de apresentar as suas questões sobre a bruxaria, tinha uma apresentação da Bula de Inocêncio VIII. Esse manual continha informações de como reconhecer uma bruxa e de como deveriam ser tratadas, baseado na teologia cristã.

1.2 Bruxaria e mulheres

Jean Delumeau em *História do Medo no Ocidente* (1996) ao analisar os agentes de satã: os idólatras, os muçulmanos e os judeus, identifica também a mulher como uma agente do diabo. Ele deixa claro que a relação entre o homem e a mulher sempre oscilou entre a atração e a repulsão. Embora muitos atribuam que o medo que o homem sente pela mulher tenha sido uma criação cristã, Delumeau (1996) esclarece que eles apenas disseminaram essa repulsa a mulher no Ocidente até o século XX, mas que esse medo teria raízes muito mais complexas.

Antes do *Malleus Maleficarum* (1991), a primeira obra demonológica ao afirmar o papel das mulheres na bruxaria foi o *Formicarius* (1435-1437) do teólogo Jean Nider. Nesta obra, são expostas as perseguições que ocorreram na Suíça pelo inquisidor Pierre de Berne, e as acusações mais decorrentes neste manuscrito sobre as bruxas, é que elas lançavam malefícios, provocavam tempestades, destruíam plantação, além de adorarem o diabo e sua ida aos sabás (DELUMEAU, 1996, p.353).

Rose Marie Muraro em sua obra, *Textos da Fogueira* (2000) afirma que o *Malleus Maleficarum* foi o testemunho mais importante do patriarcado ao representar a sua opressão contra a mulher, que tinha como representação a fertilidade e a doação da vida, e se torna a representação de todo pecado, de todo o mal (MURARO, 2000, p.71). O *Malleus* foi como a Bíblia dos inquisidores durante três séculos, estando presente em todos os julgamentos.

O *Malleus* elenca três motivos do porque a mulher era mais propensa à bruxaria do que o homem: primeiro, porque as mulheres, seja através da bondade ou dos vícios, não possuíam moderação em controlá-los. Segundo, porque por natureza elas eram mais propensas a receber influências espirituais que poderiam torná-las ainda mais virtuosas, como

a Virgem Maria, ou ainda mais malignas. E o terceiro, porque elas possuem a língua traiçoeira, e são fracas. A bruxaria seria apenas uma forma delas justificarem suas fraquezas e erros (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 115).

Porém Kramer e Sprenger (1991) acreditavam que a razão primordial residia no fato “natural” de que a mulher é mais carnal que o homem, portanto, ela é perversa por natureza e mais propensa a heresia, desde a queda de Eva. Para Stuart Clark (2006), a História da Bruxaria tem sido principalmente uma história de mulheres. No início da Europa moderna tinham a probabilidade muito maior de serem acusadas de bruxaria, e isso se dava pelas transformações da situação da mulher na sociedade que sempre a marginalizava tornando-a mais vulnerável e fácil de controlar.

Entre estes fatores, quando uma mulher vivia sozinha ou era viúva, era vista como aberrações, principalmente pelos homens. As mulheres pobres também foram um alvo devido sua baixa condição social e seus pedidos de ajuda. Além do interesse econômico pelas propriedades que algumas mulheres herdavam. A acusação de bruxaria era usada como um meio para se alcançar outros interesses, assumindo um controle social sobre as mulheres. A caça às bruxas se tornou um caça as mulheres (CLARK, 2006, p.156).

Clark (2006) ainda toca em um ponto interessante, que certos historiadores não admitem que a bruxaria tenha sido uma realidade para aqueles que nela acreditavam, mas preferem explicá-la pelo seu aspecto “social” ao relacionar com os comportamentos de gênero, sendo as bruxas bodes expiatórios das fraquezas masculinas e não algo que teve um significado real (CLARK, 1991, p.159). A inversão das mulheres diferia daquelas que eram consideradas santas, as mulheres que eram transgressoras, más, sedutoras, megeras, prostitutas, fofqueiras. A bruxaria foi apenas mais uma desordem que se juntou aos desvios femininos.

Conforme Souza (1987) foram os caçadores de bruxas que desenharam o perfil aterrorizador e estereotipado das bruxas, nos manuais de inquisição e nos tratados demonológicos. A bruxa que assustava o imaginário através de uma imagem de mulher velha, feia, enrugada, carrancuda. Essa figura estereotipada se define no início da Época Moderna. Muitas das mulheres que eram sozinhas, solteiras ou viúvas, eram acusadas nos processos. Se essas mulheres fossem feias e velhas a suspeita se tornava ainda maior na época, devido à referência de beleza que havia na época através do resgate da arte greco-romana e da

valorização de formas como as ninfas e Vênus nuas representadas nas pinturas e esculturas (SOUZA, 1987, p.15).

No século XV um novo estereótipo diabólico é formado, surgindo da acusação da Inquisição sobre judeus e hereges cristãos de praticarem rituais contrários ao catolicismo que consistia num ritual de homenagem ao diabo e a profanação dos sacramentos cristãos. Surgia nítida a imagem do sabá (NOGUEIRA, 1991, p.38). A imagem da bruxa noturna, que voa e entra nas casas é um componente importante do mito demonológico e também esta associada à Antiguidade, onde segundo as lendas, à Deusa Diana voava nos céus. *O Canon Episcopi*, uma compilação de regulamentações do ano de 906 D.C. organizado por Regino de Prum, foi utilizado pelos demonólogos para fixar essa imagem da bruxa que voa a noite seguidora satânica de Diana (SALMMAN, 1989, p. 27).

1.3 Sabá e pacto demoníaco

O Canon Episcopi é o primeiro documento a tratar sobre a bruxa e o seu voo noturno com demônios e a Deusa Diana para realizarem suas assembleias. O sabá viria a ser uma das grandes justificativas para distinguir a bruxaria da feitiçaria. Além desse cânone, cem anos depois Bucardo, bispo de Worms, retomou com questões tratadas nesse cânone, e atribuídas erroneamente ao concílio de Ancira (314). No 19º livro do *Decretum*, intitulado *Corrector*, em muitas de suas passagens, a imagem das seguidoras de Diana torna a aparecer. As mulheres afirmavam ser constrangidas durante a noite e obrigadas a acompanhar um bando de demônios que eram transformados em mulheres enganando-as e seduzindo-as para o voo noturno (GINZBURG, 2001, p. 94).

Outras afirmavam que saíam à noite deixando os seus maridos dormindo, outras a voarem e atravessavam portas junto a outras seguidoras do diabo. Ginzburg (2001) ainda acrescenta um cânone que foi atribuído erroneamente por Burcardo, ao concílio de Agde de 508 D.C., em que as participantes da imaginária cavalgada noturna afirmavam preparar encantamentos para o ódio e para o amor. Devido à essas sociedades imaginárias muitas mulheres acabaram compartilhando dessa ilusão e acreditavam ser seguidoras dessa deusa (GINZBURG, 2001, p.95).

Para Regino e Bucardo tudo não passava de fantasia, mas nas primeiras décadas do século XV, teólogos e inquisidores consideravam que os seguidores da feitiçaria (já vista

como seita) e o sabá eram reais. Um crime que deveria ter a fogueira como punição. Alguns até negaram que realmente existia aquele cenário de voo noturno com seguidoras de Diana. E apoiando-se no *Canon Episcopi*, afirmavam que tudo não passava de uma mera ilusão fantasiosa. Mas outros defenderam arduamente, que se tratava de ações demoníacas (GINZBURG, 2001, p. 95).

O sabá das bruxas ocorria geralmente à noite em uma colina ou nos bosques, onde eram acesas fogueiras e as bruxas e bruxos montavam nas costas um dos outros e na dos animais. Acreditava-se que o voo noturno com Diana os levava a essa assembleia noturna, que invertia a missa católica e seus ritos, por isso ficou conhecida como a *missa negra*. Orgias aconteciam em meio a um grande banquete com a presença do diabo da noite em forma de bode. Essa foi uma das representações do que era o sabá (SALLMAN, 1989, p.53).

Stuart Clark (2006) discute o sabá a partir da comparação que ele fez do modo de atuação do sabá com as festividades que aconteciam. Ele esclarece que para a demonologia escolástica, as bruxas faziam tudo invertido. Antes do surgimento do sabá, um período que vai do fim do medievo e início da Renascença, o comportamento festivo era muito comum e expresso através da desordem que acontecia nos tempos de festas.

Geralmente essas festas eram feitas através de jogos, danças, nudez, máscaras de animais, todos os elementos que faziam parte dessas comemorações foram invertidos pelas bruxas e usados nos sabás (CLARK,2006,p. 43). Um dos costumes dessas festas era montar nas costas de alguém, em um nível de euforia muito grande, tendo como intenção divertir as outras pessoas. Logo esse ato do montar nas costas também passa a ser invertido pelas bruxas por meio de suas cavalgadas de costas demoníacas durante o sabá.

O uso de máscaras também era bastante comum tanto nas festas como nos sabás. Nas festas o uso da máscara era uma forma de comunicação, de personificar um ser oposto. Por sua vez as bruxas passavam por uma metamorfose, se transformando de mulher em bruxa. Por muito tempo foi comum o uso de máscaras de diabos e bruxas nos festejos do século XVIII, já que a imagem do diabo era essencial para encenar os mistérios, o representando como vilão, como a incorporação do mal, durante os ensinamentos morais (CLARK, 2006, p.48).

Muitos reformadores e religiosos na época, não conseguiam ver separação entre as festas e os sabás, pois sempre enxergaram essas festas como demoníacas. O sabá não seria somente uma imitação como muitos alegavam. Clarke (2006) ainda explica que o sabá das

bruxas tinha se iniciado com as orgias para Baco na Antiguidade, culminando nas festas com máscaras, que seria uma continuação desses ritos, confundindo desse modo, os bacanais e o sabá num mesmo rito. Baco seria um demônio, que foi representado tanto nos bacanais, como nos sabás em forma de bode (CLARK, 2006, p.52).

Figura 01: “El Aquelarre” de Francisco de Goya (1797-1798)



Fonte: Museu Lázaro

Galdiano <<http://www.flg.es/museo/museo.html>>

2. WICCA: UMA NOVA RELIGIÃO TRAZENDO MUDANÇAS

Por ser um assunto de estudo tão recente nas Ciências Humanas, principalmente porque a Wicca é uma religião muito nova, há uma lacuna na UFRN quanto a trabalhos disponíveis sobre o tema. Uma das principais obras científicas sobre a religião é a da antropóloga norte-americana Sabina Magliocco intitulada *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in American* (2004). No Brasil especificamente, é um caminho que ainda está sendo trilhado pelos pesquisadores muito recentemente e no que diz respeito à publicação de livros acadêmicos sobre a Wicca no país, temos o *História da Bruxaria* de Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander.

Quanto às teses e dissertações, são encontradas tanto na área da História, como na Antropologia, Ciências da Religião e nas Ciências Sociais. Entre estas: *Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenção de Tradições na Inglaterra do Pós-Guerras* (2008) e *Reinventando tradições: Representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil* (2013) de Janluis Duarte; *Deusas urbanas: experiências, encontros e espaços neo-esotéricos no nordeste* de Elisete Schwade (2001); *Um Bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais* de Celso Luiz Terzetti Filho (2012); *Rituais contemporâneos e o neopaganismo brasileiro: o caso da Wicca* de Danieli Siqueira Soares (2007); *Wicca* de Regina Bostulim (2007); *A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife* de Karina Oliveira Bezerra (2012); *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina* de Andréa B. Osório (2001).

Algumas obras sobre o movimento New-age, o neo-esoterismo e o neopaganismo que se inserem dentro do mesmo universo contracultural e espiritualista que a Wicca, também são importantes para se compreender o cenário das religiões alternativas do mundo atual. Entre estas: *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole* do antropólogo Jose Guilherme C. Magnani (1999); *O self perfeito e a nova era: Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais* de Anthony Albert Fischer D'Andrea (2000); *A nova consciência religiosa e a crise da modernidade* de Robert Bellah (1986); *Misticismo e novas religiões* de Alberto Moreira Renee Zicman (1994); *O encontro das velhas e novas*

religiões de José Jorge Carvalho (1994); *Os Tribalistas da Nova era* de Francisca Verônica Cavalcante (2009).

2.1 A Wicca na Inglaterra e Gerald Gardner

Primeiramente, para compreendermos melhor a Wicca, é interessante sabermos um pouco sobre a vida de seu fundador, afinal a vida que Gardner teve refletiu em toda a construção dessa religião, que possui todos os reflexos das experiências e conhecimentos desse homem.

Gerald Brosseau Gardner² foi um funcionário público inglês, que nasceu em 13 de junho de 1884, na cidade de Blundellands na Inglaterra. Durante a sua infância, o pequeno Gardner enfrentou problemas de saúde, e sofreu de asma durante toda a sua vida, o que fez com que seus pais o enviasse a viver em vários países na companhia de sua enfermeira Josephine McCombie, procurando sempre um lugar que fosse mais propício à saúde de Gardner. Os problemas de saúde de Gardner contribuíram para que ele dedicasse a sua vida a leitura e ao estudo, tornando-se um autodidata.

A sua enfermeira Josephine casou-se e se mudou para o Ceilão levando Gardner para viver com ela e seu esposo. Durante a sua adolescência Gardner se envolveu em vários projetos no Ceilão, em Bornéu e na Malásia, e tudo indica que foi no Ceilão o primeiro contato que ele teve com a Maçonaria. O contato que teve com outras religiões que não fossem o cristianismo acabou fazendo com que Gardner se aproximasse de doutrinas religiosas orientais, despertando o seu interesse pela rica espiritualidade oriental.

Decorreu que Gardner se tornou um funcionário público da Inglaterra no Extremo Oriente exercendo as funções de inspetor de plantações de borrachas, oficial de alfândega e inspetor de estabelecimentos de ópio. Gardner decidiu se dedicar a grande paixão que tinha: a arqueologia e envolveu-se em várias pesquisas e escavações, inclusive a descoberta da localização da antiga cidade de Cingapura.

² Todas as informações referentes a bibliografia de Gardner foram retiradas de MILLENIUM, Wicca: a bruxaria saindo das sombras. 2004.

Mesmo após o casamento com a inglesa Dorothea Frances Rosedale no ano de 1927, que fez com que Gardner voltasse a morar na Inglaterra, ele ainda passava grande parte de seu tempo em suas viagens arqueológicas pela Europa e pela Ásia. Diferente de Gardner, Rosedale nunca se interessou pela bruxaria, por ter tido uma criação religiosa rígida, já que o seu pai era um clérigo cristão.

Em 1938 Gardner e sua esposa se mudaram para outra residência em Highcliff, em uma casa maior que poderia guardar toda a sua coleção de armas e artefatos rituais, sem falar que estariam bem mais protegidos, devido os planos de evacuação de Londres por causa da Segunda Guerra Mundial.

Na região de New Forest, Gardner começou a frequentar o clube de nudistas da região e conheceu a Sociedade de Crotona (Rosicrucian Order Crotona Fellowship), um grupo de membros ocultistas. Essa ordem foi fundada em 1911, pelo aventureiro britânico George Alexander Sullivan³, e acabou se desestruturando durante a Primeira Guerra Mundial, reorganizando-se novamente por Sullivan somente no ano de 1920.

Junto com outros membros dessa sociedade, Gardner ajudou que fosse fundado o primeiro Teatro Rosacrusiano da Inglaterra. Devido à lei anti-bruxaria que ainda estava ativa na Inglaterra, a única forma de tratar temas voltados ao ocultismo, era através da arte. Gardner permaneceu no grupo até o ano de 1940.

Em 1939 Gardner publicou a sua primeira obra, um romance histórico chamado *A Goddess Arrives*, em que a história se passa no Chipre durante o século XV A.C. Várias referências são tratadas na obra sobre rituais, magia e culto às deusas.

Outro grupo oculto que estava ligado à Sociedade de Crotona, também aceitar a Gardner como seu membro. Esse era um grupo de bruxos e bruxas que diziam praticar a Velha Religião. Gardner foi iniciado na bruxaria pela suma sacerdotisa Old Dorothy, no ano de 1939, poucos antes que a Segunda Guerra Mundial começasse. Muitos chegaram a contestar a veracidade da iniciação de Gardner, pois muitos negavam a existência de Old Dorothy, que foi provada tempos mais tarde por Doreen Valiente, outra bruxa que também teve grande influência e participação na divulgação da bruxaria.

³ DUARTE, 2008, p.62.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Gardner se juntou no sul da Inglaterra com outros bruxos na noite de 31 de julho em 1940. Essa era a noite de Lammas⁴. Juntos, as bruxas se reuniram para fazer um ritual para que Hitler não invadisse a Inglaterra, conhecido como Cone de Poder⁵ e dirigiram ao pensamento de Hitler “*Você não pode cruzar o mar*”, “*Você não pode cruzar o mar*”, “*Não é capaz de vir*”, “*Não é capaz de vir*” (GARDNER, 2003, p. 85). Foi graças a esse ritual, que Gardner e os outros bruxos acreditaram que Hitler tenha desistido da Inglaterra e escolhido atacar a Rússia.

Ao conhecer Aleister Crowley⁶ no ano de 1946, Gardner se tornou membro do Ordo Templo Orientis (O.T.O) uma ordem mágica, presidida por Crowley. Para Gardner, Crowley era um dos únicos homens que poderia criar ritos mágicos, embora as práticas do grupo de bruxas que conheceu fossem totalmente diferente das de Crowley. Doreen Valiente em sua obra *The Rebirth of Witchcraft* (2008) alegou que a Wicca sofreu algumas influências de Crowley, principalmente por conter muitos de seus textos no *Livro das sombras* de Gardner. que primeiramente negou qualquer influência de Crowley, mas logo assumiu, entregando o seu *livro das sombras* a Valiente, para que ela o reescrevesse (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 173).

No ano de 1949 Gardner publicou uma obra literária sobre feitiçaria chamado *High Magic's Aid*, publicada como novela, pois a lei contra bruxaria ainda permanecia ativa. Neste trabalho ele descrevia alguns rituais antigos da bruxaria que aprendeu com a sacerdotisa que o havia iniciado, Old Dorothy, a qual veio deixar o seu grupo no ano de 1951 e fundando o seu próprio.

⁴ Lammas ou Lughnasad é o primeiro dos três sabás da colheita e ocorre em 01 de agosto no Hemisfério Norte. É associado ao Deus Lugh, um Deus celta solar, e ocorre para agradecer a primeira colheita.

⁵ Cone de Poder é uma forma em que vários bruxos juntos ficam no círculo mágico e direcionam a energia durante um ritual ou feitiço para um determinado objetivo.

⁶ Aleister Crowley foi um ocultista britânico, membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada e fundador da doutrina filosófica Thelema, líder da O.T.O (Ordo Templi Orientis) e fundador da ordem ocultista A.·A.·.(AstrumArgentum) com George Cecil Jones, além de ter ficado muito famoso através de suas publicações sobre magia e conhecido como a “Grande Besta 666”.

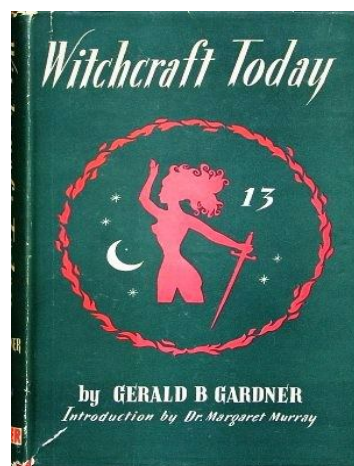
No mesmo ano Gardner se mudou para a Ilha de Man, e foi fazer parte do Museu de Bruxaria⁷ localizado em um velho moinho em Castletown, conhecido como o “Moinho das bruxas”, que foi fundado por Cecil Williamson. Gardner contribuiu para o acervo do museu com coleções de objetos ritualísticos e artefatos que possuía e veio a tornar-se posteriormente o dono do museu.

Figura 02: Gerald Gardner



Fonte: Arquivo de Janet Farrar⁸

Figura 03: Livro, *A Bruxaria Hoje*



Fonte: Arquivo pessoal do fotógrafo Kim Dent-Brown.

Uma das grandes amigas de Gardner, Doreen Valiente, foi iniciada por ele na bruxaria no ano de 1953, e juntamente com ele, Valiente o ajudou a modernizar vários rituais, envolvendo práticas que Gardner já conhecia devido a sua experiência junto à outros grupos como a OTO e a maçonaria, por qual Gardner já havia passado.

Entre os anos de 1954 e 1957, Gardner e Valiente escreveram o tão famoso *Book of Shadows* (livro das sombras), uma espécie de manual prático da Wicca, em que há o registro de vários rituais e cerimônias de iniciação, uma espécie de grimório pessoal dos bruxos.

⁷ Site do Museu de Bruxaria de Castletown <<http://www.museumofwitchcraft.com/index.php>>

⁸ Disponível em: <<http://www.callaighe.com/>> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

Valiente temia que a reputação de Crowley contaminasse a Wicca, por meio de suas influências presente no *Livro das Sombras*. Gardner lançou o desafio de que se Valiente acreditava que podia fazer algo melhor com o seu *Livro das Sombras* se arriscasse e ela tomou o B.O.S extraindo todas as influências de Crowley e reescrevendo as práticas e crenças do que conhecemos da Wicca Gardneriana hoje (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 173)

A influência celta na Wicca também foi fortalecida por Valiente, que modelou a Wicca através de elementos mitológicos e simbolismos celtas, já que por parte de Gardner havia pouca influência celta, embora sua crença se confirmasse nas teorias de Murray, que a bruxaria era a sobrevivência do antigo paganismo. O que Valiente fez foi remodelar a Wicca a imagem da antiga religião britânica.

No mesmo ano de 1954, Gardner publica a sua primeira e mais famosa obra sobre a feitiçaria, *A Bruxaria Hoje* após as leis contra a bruxaria terem sido revogadas na Inglaterra. Nesta obra ele defendia as teorias da antropóloga e egiptóloga inglesa Margaret A. Murray, de que a bruxaria moderna seria o resgate de um antigo culto das bruxas perseguido pela Inquisição que teria suas origens no antigo paganismo e espiritualidades arcaicas. Além de revelar muitas das práticas do grupo de bruxas que conheceu, através da permissão dessas. Foi publicado anos depois, em 1959, a sua última obra sobre bruxaria, *O significado da Bruxaria* respondendo a todas as críticas feitas ao *A Bruxaria Hoje*, quanto a veracidade da bruxaria e de sua iniciação.

Em 1960, Gardner perdeu a sua esposa o que contribuiu para que o estado de sua saúde se agravasse e a asma voltasse. Antes de viajar para o Líbano, Gardner conheceu no ano de 1963, um bruxo inglês de nome Raymond Buckland, que vivia nos EUA e foi iniciado pela Suma Sacerdotisa do próprio Gardner, Monique Wilson, conhecida como Lady Olwen e por Jack Bracelin, através do *coven*⁹ de St Albans. Buckland foi o responsável por difundir a Wicca nos EUA e fundar a sua própria tradição chamada Seax Wicca, além de criar a auto-iniciação.

⁹ Coven é um pequeno grupos de bruxos formado por até 13 pessoas (PRIETO, 2009, p. 15).

Quando retornava de sua viagem ao Líbano, na manhã de 12 de fevereiro de 1964, Gardner faleceu a bordo do *SS Scottish Prince* devido a um ataque cardíaco, e foi enterrado em Túnis, lugar de grande significado para ele, ao qual acreditava possuir os segredos do Oriente que ele desejava desvendar.

Em seu testamento, Gardner deixou para Lady Olwen¹⁰ o Museu da Bruxaria, entre os seus objetos ritualísticos e direitos de autor. Patrícia Crowther¹¹ e Jack Bracelin¹², também fizeram parte do seu testamento. O museu permaneceu aberto por pouco tempo, e seus artefatos foram vendidos a uma organização chamada Ripley que distribuiu seus objetos a vários outros museus.

Nada foi deixado para Doreen Valiente, muito provavelmente devido à briga que ela e Gardner tiveram, pois ele achava que as tendências que Valiente tinha se dirigido eram feministas e não de culto ao feminino, que se aproximava muito mais das doutrinas paternalistas e não do culto igualitário proposto por Gardner, afinal para ele era essencial o equilíbrio entre o feminino e o masculino. Outro motivo da briga dos dois era que Gardner acreditava que a arte da bruxaria estava morrendo, por isso o auxílio da publicidade era necessário. Já Valiente discordava que a publicidade poderia fazer algo pela bruxaria, mas que o seu uso poderia até ser pior.

Raízes das Bruxaria Moderna

Uma das raízes que se conhece da bruxaria moderna é o movimento romântico do século XIX. O homem do século XIX encontrava-se em um mundo materialista e distante de todas as sombras e superstições comuns na Idade Média e no início da Época Moderna.

¹⁰ Lady Olwen foi o nome da arte que Monique Wilson recebeu ao ser iniciada por Gardner, além de ter sido a sua última iniciada de Gardner. É conhecida por ser a Alta sacerdotisa que iniciou Raymond Buckland.

¹¹ Patrícia Crowther é uma das originais sacerdotisas iniciadas por Gardner. Crowther foi a sacerdotisa que negou a iniciação de Alex Sanders (ver mais sobre Sanders p. 44) e após a morte de Gardner teve um importante papel na divulgação da Wicca.

¹² Jack Bracelin foi iniciado por Doreen Valiente em 1956 no *Coven Bricket Wood*. Bracelin é conhecido por ter escrito a bibliografia *Gerald Gardner: witch* (1960).

O interesse pelas emoções humanas, pelo o intuitivo, pelo antirracional e o não racional, além da fuga de “estados tediosos” despertaram o interesse pela magia e por outras artes ocultas, o que fez com que uma discussão em torno do caça as bruxas fosse levantado na época (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p.151).

A filosofia do iluminismo havia culpado a igreja pela histeria coletiva da caça às bruxas, mas no início do século XIX os intelectuais católicos se voltaram para a defesa da Igreja, buscando afirmar de que as bruxas realmente eram uma séria ameaça. Desse debate surgiu a ideia de que a bruxaria medieval era uma maneira de sobrevivência do antigo paganismo pré-cristão. Porém essa noção emergiu com a intenção de justificar a Inquisição e desacreditar a bruxaria e não defendê-la (RUSSELL, 2008, p.153).

Essa crença que o culto das bruxas era reminiscências do antigo paganismo foi muito bem aceita pela bruxaria moderna na condição de “mito fundador” da bruxaria, porém no século XXI essa crença é negada pelos principais estudiosos da temática, que não concordam com tais hipóteses.

Em 1828, Karl Jacke, um professor de Direito criminal da Universidade de Berlim, foi um dos estudiosos a descrever a bruxaria como uma forma degenerada do antigo paganismo pré-cristão. Onze anos mais tarde, Mone, um advogado clerical e historiador, em contraposição a Jacke, acreditava que ele havia difamado a cultura alemã ao criticar a bruxaria. No entanto, Mone buscou explicar que a ideia que a bruxaria era o antigo paganismo, era uma importação da Grécia e uma religião decadente que foi levada para a Alemanha através dos escravos gregos, até ser disseminada na sociedade. Desse modo, o paganismo se transformava em bruxaria, afastando os pagãos nativos da Alemanha e os cristãos, de forma que tenha se tornado necessário banir. De todo modo, Jacke e Mone (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p.153) buscaram absolver a culpa da Igreja católica pela caça as bruxas.

Em 1862, o renomado historiador Jules Michelet, publicou a obra *A Feiticeira*, um clássico literário sobre bruxaria. Na sua abordagem, Michelet apresenta a verdadeira essência do romantismo, tomado pela paixão, projetando seus sentimentos de liberdade e luta em torno da experiência da bruxaria. Ele defende nesta obra que a bruxaria era uma reminiscência do antigo paganismo, que acabou se tornando um protesto generalizado dos camponeses contra a opressão da Igreja católica.

O livro era, entre outras coisas, um ataque constante a seus alvos favoritos – a Igreja Católica, a monarquia e a aristocracia. [...] Ninguém se surpreendeu que Michelet usasse o livro como uma oportunidade para indiciar seus suspeitos habituais. Esse já era um ponto de vista familiar a quem tivesse lido seus outros trabalhos. A real novidade existente no tratamento temático de Michelet foi sua estratégia radical: ele aceitou plenamente o quadro da bruxaria pintado por Jacke e Mone, mas reverteu os valores que se lhe haviam anexados. Michelet argumentou que a bruxaria era a sobrevivência de uma religião pagã da fertilidade e da adoração da natureza, mas que, longe de ser um culto anti-social, tinha sido a única responsável por nutrir o espírito da liberdade por meio dos “*mil anos terríveis e sombrios*” das trevas da Idade Média (RUSSEL; ALEXANDER, 2008, p. 154).

Entre os precursores da Bruxaria “Moderna”, está Charles Godfrey Leland, folclorista americano, ocultista e escritor. Leland desde criança esteve envolvido com o mundo mágico e oculto. Segundo a sua mãe ele seria a reencarnação de uma familiar¹³ que havia pertencido à magia (LELAND, 2000, p.13).

Foi atraído pelas teorias de Michelet, quando morava em Paris, e aplicou as ideias do historiador francês em seus estudos. Após voltar aos Estados Unidos, vários acontecimentos atingiram a sua vida durante a Guerra de Sucessão. Anos depois Leland muda-se para a Inglaterra aos quarentas anos onde tornou-se pesquisador e autoridade sobre o folclore cigano, sendo reconhecido pelo “rei dos ciganos” como um deles. Escreveu além de 55 obras dos mais variados assuntos, mas a sua obra mais conhecida e de maior significado para a bruxaria moderna foi *Aradia, o Evangelho das bruxas*, publicada em 1889.

Nesta obra ele descreve que havia um culto pagão que remontava ao passado etrusco, pré-romano, de adoração à Deusa. Entre as suas fontes, esta uma informante de nome Madalena Zalení, que trabalhava como quiromante e vidente, e tornou-se uma assistente nas pesquisas de Leland, concordando em compilar e entregar informações sobre a bruxaria. Essa bruxa havia entregado um documento que ele afirmava ser o livro de uma religião secreta de bruxas. Esse manuscrito havia sido escrito pela própria Madalena.

¹³ A familiar referida, seria uma antepassada de Leland que foi iniciada na magia e a sua mãe acreditava que ela havia retornado na imagem de seu filho.

A referida religião antiga seguida pelas bruxas, de nome *Stregueria*, tinha como culto a Deusa Diana. De acordo com os mitos, a Deusa Diana e seu irmão Lúcifer tiveram uma filha chamada Aradia (LELAND, 2000, p.31) que tinha como destino ser a enviada de Diana a terra para ensinar o caminho dos mistérios. No século XIV, Aradia foi então enviada a terra como mensageira de sua mãe e foi a responsável por resgatar o culto à Deusa, seria sua responsabilidade ensinar os segredos da magia ao homem.

Segundo a obra, Aradia havia deixado seus ensinamentos a suas pupilas. Segue um trecho da obra de Leland em que Aradia vai falar aos homens:

Quando eu tiver partido deste mundo, sempre que precisardes de algo uma vez por mês , quando a lua estiver plena, reuni-vos em algum lugar deserto ou em assembleia num bosque, para adorar o poderoso espírito de sua rainha, minha mãe, a grande Diana (LELAND, 2000, p.34).

Acredita-se que com a chegada da Inquisição na Itália a *Stregueria* foi dividida em três ramificações: *Fanarra* (que guardava os mistérios da terra), *Janarra* (pelos mistérios lunares) e *Tanarra* (pelos mistérios das estrelas).

Hoje os estudiosos consideram esta obra de Leland, um hibridismo de suas crenças, influenciado pelas ideias de Michelet, com algumas sobrevivências folclóricas e com o que ele conseguiu através das pesquisas e de Madalena (RUSSELL, 2008, p.157). Por mais que na época, a obra de Leland não tenha sido um dos grandes sucessos, muitos dos encantamentos e rituais descritos em sua obra foram utilizados pela bruxaria moderna e ele foi o primeiro a se referir a bruxaria como a “a Religião Antiga”, por ser chamada por seus adeptos por “*La vecchia religione*”.

2.2 Wicca e Contracultura

Propomos, agora, leitor paciente, um pequeno voo de décadas.

Segundo o Dicionário Aulete a contracultura é:

1-Movimento cultural surgido na década de 1960, que questionava os valores e práticas das sociedades ocidentais industrializadas e massificadas, esp. o caráter materialista, competitivo e consumista, e pregava mudanças sociais, econômicas e de atitude e mentalidade. 2. Prática cultural que rejeita e combate os valores culturais dominantes. ANTICULTURA¹⁴.

Ao atravessar o Atlântico, o cenário contracultural que havia se estabelecido na América foi um terreno fértil e propício para que a Wicca se desenvolvesse e ganhasse ainda mais notoriedade, principalmente na década de 1960, momento mais efervescente do movimento. As propostas da Wicca se encontraram perfeitamente com os ideais do movimento feminista em um cunho espiritualista, voltados ao culto do feminino, da deusa.

A dissertação *Um bruxo ao seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais* (2012) do mestre e doutorando em Ciências da Religião pela PUC-SP, Celso Luiz Terzetti Filho, traz uma abordagem riquíssima das relações entre a Wicca e a contracultura. Neste trabalho, Filho (2012) analisa a Wicca como um sistema religioso contracultural.

O autor apoia as suas definições de contracultura no livro *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital* de Ken Goffman e Dan Joy. Filho (2012) escolhe essa obra por ela abordar a contracultura bem mais generalizante do que as outras obras que focam apenas no movimento dos anos 1960.

Segundo Goffman e Joy (2007) a contracultura possui dois traços básicos: a ruptura e a tradição. O rompimento é o principal elemento do conceito. A tradição, porque a ruptura sempre esta presente, pois a contracultura tem a tradição de ser sempre uma ruptura. A contracultura pode ser agrupada em três perspectivas: contato direto, contato indireto e ressonância. No contato direto os participantes de determinada contracultura podem se integrar diretamente com participantes de outra, o que amplia a abertura de canais e amplificam o impulso contracultural.

¹⁴ Dicionário Aulete Online. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/contracultura>> Acesso em 17 de abril de 2015.

O contato indireto ocorre quando determinada contracultura serve de influência para outra através de seu legado. E a ressonância por meio das semelhanças entre as ideias, pois embora cada contexto possua suas especificidades, os eventos contraculturais possuem características similares (FILHO, 2012, p. 108).

Não importa as diferenças das contraculturas, pois todas sempre vão possuir traços em comum, por possuírem os mesmos princípios e valores. As escolhas de Gardner para a criação da Wicca unindo as tradições ocultistas de sua época, suas experiências pessoais no Oriente e culturas indígenas não europeias, além do “resgate” de um culto as divindades primordiais da Europa Antiga, foram decisivas para a construção dessa “nova” religião.

O primeiro aspecto contracultural que Terzetti Filho (2012) vai analisar é a oposição ao cristianismo. Este vai fornecer legitimação à Wicca como contracultura, baseando-se nas teorias de Margaret Murray, que a bruxaria tem como referência um culto que sobreviveu até o século XVII clandestinamente.

Em suas obras Gardner buscou deixar claro para os leitores que a bruxaria sempre foi escrita e descrita pelos seus inimigos. Ele busca sempre dissociar o culto das bruxas da demonização feita pelo cristianismo, para quem a bruxaria era um culto demoníaco, onde as bruxas se reuniam nas missas negras cultuando o deus chifrudo das florestas, que foi reconhecido como diabo.

Hughes continua dizendo que o culto das bruxas conduzia uma Missa Negra em que as práticas cristãs eram ridicularizadas e o diabo recebia homenagem e oração. Novamente, quero lhe afirmar que, embora eu tenha comparecido a diversos sabás, nada vi que se assemelhasse à prática da qual ele nos acusa, a não ser que ele pense que a cerimônia dos “bolos e vinho” possa ser uma imitação do antigo Ágape cristão, a festa do amor, embora eu pense que é muito mais antiga. Não vou dizer que a Missa Negra jamais foi celebrada, mas afirmo que não é feita por bruxas, até onde tenho conhecimento (GARDNER, 2003, p.90).

O Movimento Romântico também contribuiu como já vimos através do interesse despertado pela magia e pelo oculto, retratando através da arte, do teatro, da poesia, da música

e da literatura os antigos Deuses. Um Deus cuja representação era uma referência constante no século XVIII foi Pã que representava a natureza em toda a sua essência nos tempos antigos. A imagem de Pã ao tornar-se essa representação da natureza, a sua imagem servia como consolo em meio a uma Europa que vivia os efeitos causados pela Revolução Industrial, em meios às conturbações das cidades urbanas, e o Deus Pã se torna toda a representação do paganismo (FILHO, 2012, p. 116).

Filho (2012) afirma que mesmo com o movimento da década de 70 “*Movimento de Espiritualidade da deusa*” que incluía druidas, bruxas, neopagãos e espiritualistas, a Wicca foi quem mais contribuiu e influenciou o culto à Deusa, pois muito antes Gardner a partir da Wicca já tinha criado o culto ao feminino, tanto que muitos reconhecem essa espiritualidade como a “*Religião da Deusa*”, que veio se tornar depois uma representação da Wicca por parte daqueles que seguem uma tradição de cunho feminista e de culto somente à Deusa.

Por mais que sempre exalte a superioridade da mulher, a Wicca possui a igualdade de gênero, pois ambos são essenciais para o equilíbrio, pois toda manifestação do feminino e do masculino na natureza, são manifestações da Deusa e do Deus. Essa referência feita ao feminino e ao equilíbrio dos sexos, também são elementos que legitimam a Wicca como contracultural.

A crença na reencarnação é outro aspecto da Wicca. A noção de metempsicose junto a divindade, funcionando como um ciclo de nascimento e morte que tem como sentido a evolução pessoal. Acredita-se no *Summerland* ou *Terra do Verão* que seria uma espécie de paraíso das bruxas, Gardner cita esse lugar em várias de suas obras.

Para Gardner, as crenças das bruxas seria algo natural, uma religião que as pessoas podiam expressar os seus desejos e aspirações através da magia, porque era algo instintivo e estava relacionado há uma generalização das crenças dos povos, que resultava essas crenças como verdadeiras, sendo o poder que emana da bruxaria algo natural (FILHO, 2012, p.123). A bruxaria idealizada por Gardner que resultou na Wicca como uma religião natural sem toda a complexidade teológica das outras religiões e a referencia a ancestralidade dos povos primitivos europeus e a crença e culto dos antigos Deuses, também são outros fatores que legitimam a Wicca como contracultura.

2.3 Disseminação da Wicca no Brasil

Ao buscar escrever sobre a chegada da Wicca no Brasil, encontrei algumas dificuldades em conseguir encontrar informações sobre como esse processo seu deu. Mas, mesmo com as dificuldades enfrentadas, os trabalhos do historiador Janluís Duarte, através da sua tese *Reinventando Tradições: Representações e Identidades da Bruxaria Neopagã no Brasil* (2013) e a dissertação de Karina Oliveira Bezerra intitulada *A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife* (2012) deram luz a esta pesquisa, ajudando a compreender como que a Wicca chegou ao solo brasileiro.

Segundo Janluís Duarte (2013) não há como estabelecer com segurança quando que a Wicca chegou aqui, até porque se pensarmos do ponto de vista de que a Wicca se tornou uma religião auto-iniciática graças à Buckland, muitas pessoas podem ter se iniciado na Wicca e não há como ter um controle de quem é wiccaniano ou não é. Não dá para afirmar como exatamente ela começou a ser praticada no Brasil, pois por mais que muitos tenham se revelado em determinado momento, pode haver muitos outros praticantes desconhecidos que tenham tido esse contato com a Wicca bem antes e tenham permanecido no anonimato.

Karina de Oliveira (2012), afirma que a Wicca está presente no Brasil há mais de 20 anos. O maior evento de Wicca da América latina acontece em São Paulo, a CWED – (Conferência de Wicca e Espiritualidade da Deusa).

A “espiritualidade” Wicca começou a aparecer no Brasil em fins da década de 1980 através de livros como *O Deus dos Magos* (1993) do casal Janet e Stewart Farrar e *O poder da Bruxa* (1990) de Laurie Cabot, que foi um dos mais famosos na época. No ano de 1977, o pesquisador de fenômenos psíquicos Hans Holzer, lançou *A Verdade sobre a Bruxaria* falando sobre a Wicca, através dos contatos que o próprio autor teve com grandes nomes da religião, como Alex Sanders e Sybil Leek (DUARTE, 2013, p. 111). A obra fictícia de Paulo Coelho, *Brida* (1990) foi também uma das primeiras a trazer o nome Wicca, que era o nome de uma bruxa que fazia parte de uma antiga tradição, ensinando a Brida o caminho da magia (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

Na década de 1990, outros livros foram sendo traduzidos no Brasil. Em 1991, *Autobiografia de uma bruxa* de Louis Borne, em 1992, *Feitiçaria: A tradição Renovada* de Doreen Valiente e *Wicca: a Feitiçaria Moderna* de Gerina Dunwich (OLIVEIRA, 2012, p.

37). Apesar de não ser wiccaniana, mas é uma das mais famosas bruxas brasileiras, Márcia Frazão lançou na mesma década, *A Cozinha da Bruxa* (1994).

Não somente a literatura Wiccaniana despertou o caminho da bruxaria para aqueles que seriam seus futuros praticantes, mas a literatura ficcional, através das obras de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon* (1983) que se tornou uma grande febre, pela forma como Bradley apresentou o ciclo arthuriano através de uma visão feminina, de um culto voltado à Deusa desde os tempos remotos, que foi substituída pela Virgem Maria com o advento do Cristianismo na Inglaterra.

Duarte (2013) nos conta que entre a década de 1980 e 1990, um grupo de praticantes na cidade de São Paulo formaram juntos a loja *Além da Lenda*, que tinha como proprietária a escritora Heloisa Galves. Esse grupo era composto por Roberto Carvalho, Wagner Perico, Denise de Santi, Michaela Enguel, Patrícia “Fox”, Cláudio “Crow” Quintino e Cláudia Hauy. (DUARTE, 2013, p.118)

No ano de 1998, aconteceu o I Encontro de Bruxaria do Brasil, em São Paulo, organizado por Wagner Périco e Denise de Santi. No mesmo ano formou-se a ABRAWICCA (Associação Brasileira da arte e filosofia da Religião Wicca) como presidente da associação, Claudiney Prieto.

Em 1999, também aconteceu o BBB – Brux@s Brasileir@s em Brasília, que teve o seu primeiro encontro no Parque da Cidade. É considerado o mais antigo e tradicional encontro anual de bruxas e bruxos brasileiros, que acontece em Brasília todos os anos. Conforme Mavesper Cy Cerridwen, a organizadora do evento, o que o diferencia, é o fato de ser feito em uma espécie de acampamento, que permite um contato maior com a natureza. Como consta no site do BBB, ele surgiu:

Em 1999 muitos praticantes de Wicca costumavam se encontrar e conversar online nas salas de chat de esoterismo do UOL. Foi lá que pela primeira vez surgiu a vontade de pessoas que praticavam a Arte se encontrarem em um fim de semana, ao pé do fogo real, ao invés do virtual. Como na conversa haviam pessoas desde o Norte até o Sul do país, surgiu a ideia de que o encontro nacional deveria ser em Brasília, considerada uma encruzilhada de todos os

caminhos do Brasil foi muito natural. Dessa conversa também surgiu a sigla BBB – Brux@s Brasileir@s em Brasília¹⁵.

Em 1999, Claudiney Prieto lança o livro *Ritos e Mistérios da Bruxaria Moderna*, e em 2001 *Wicca: A religião da Deusa*, que além de ser uma das suas principais obras, trouxe mais notoriedade a Wicca para o público brasileiro (OLIVEIRA, 2012, p. 42).

Porém, devido a uma grande febre juvenil a partir dos anos 2000 com as produções hollywoodianas e Harry Potter, despertou maciçamente interesse dos jovens pela magia. Além dos filmes, no Brasil grande parte do crescimento da bruxaria se deu a partir da publicação de uma revista nomeada *Wicca* (2001) pela editora Escala, que tinha como autora a bruxa Eddie Van Feu¹⁶. Segundo consta a página da autora, essa revista teve 63 edições, e foi uma verdadeira explosão entre a juventude do início do século XXI.

Os wiccanianos mais antigos atribuem a essa geração de wiccanianos que começaram com os filmes e as revistas da Van Feu, como *Pink Wicca*, que seria uma espécie *pop* da religião. Seus supostos praticantes não buscariam estudar realmente a religião, alguns por falta de interesse mesmo e outros por falta de acesso. Esse assunto criou muita polêmica na época (OLIVEIRA, 2012, p.43). Mas a efervescência ocorrida nessa época foi tão grande, que até hoje, muitas pessoas ainda veem a *Wicca* como modismo, ou apenas como uma religião fantasiosa inspirada em Harry Potter, uma religião *teen*, desprezando toda a história milenar da *Wicca*.

No ano de 2004 formou-se a UWB (União Wicca do Brasil) no Rio de Janeiro, através das ideias dos sacerdotes Diogo Ribeiro, Leo Maciel e Og Sperle, que é atualmente o seu presidente. Segundo as informações que constam no canal de vídeos da associação, já que o seu site oficial encontra-se em manutenção, a UWB seria:

¹⁵Disponível em: <<http://www.abrawicca.com.br/bbbs/bbb/1bbb/>> Acesso em Março de 2015

¹⁶Embora não seja wiccaniana, Eddie Van Feu é conhecida pela publicação de suas revistas *Wicca*, que foi uma grande febre no Brasil nos anos 2000. Mais informações sobre Van Feu, visitar sua página oficial. Disponível em: <<http://www.eddievanfeu.com/>> Acesso em 31 de Março de 2015

A União Wicca do Brasil é um movimento sem fins lucrativos e sem posição partidária, formada por diversos Sacerdotes, Sacerdotisas e seguidores de várias tradições wiccanas. Idealizada em julho de 2004, a UWB se formou a partir da mobilização de alguns Sacerdotes que preocupados com os rumos da Wicca no Brasil, bem como com a crescente deturpação das informações propagadas a cerca da mesma, viram a necessidade de se manifestarem para oferecer subsídios aos Sacerdotes, Sacerdotisas, Covens, adeptos e interessados na religião Wicca, visando prestar esclarecimento não só a comunidade wiccana, como toda a comunidade civil e religiosa do Brasil¹⁷.

Igreja da Bruxaria e Wicca do Brasil- IBWB

Foi durante o 13º BBB (Brux@s Brasileir@s em Brasília) que um grupo de bruxos debateram a criação de uma entidade religiosa registrada conforme o código civil. O conselho de *Elders*¹⁸ foi formado por cinco bruxos de tradições diferentes e assumiram a direção da IBWB (Igreja da Bruxaria e Wicca do Brasil)¹⁹.

Na palavra de Mavesper Cy Ceridwen em sua entrevista a Celso Luiz Terzzeti Filho, que esta disponível no artigo *A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen*, ela afirma:

Desde então, a proposta dividiu os wiccanianos no Brasil em três grupos: os que eram a favor, contra ou os que não ligavam para isso. A proposta da igreja é apresentada como uma alternativa de proteção legal aos direitos dos

¹⁷ Mais informações sobre a UWB visitar o Site Oficial. Disponível em: <<http://uniaowiccadobrasil.org.br/>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

¹⁸ Os *elders* são uma espécie de líderes fundadores que representem a IBWB e formam o seu conselho.

¹⁹ Mais informações sobre a IBWB visitar o Site Oficial: <<http://www.ibwb.com.br/>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

Bruxos em relação às garantias de liberdade de culto de sua religião. Para os críticos, é puramente uma tentativa de centralização da Wicca nas mãos de uma única organização. Para os defensores, uma oportunidade de terem sua religião legitimada pelo poder público(FILHO, 2014, p.280).

A primeira associação da Wicca no Brasil foi a ABRAWICCA, que surgiu em 1998 através de Wagner Perico²⁰ e Denise de Santi²¹, quando participaram de um encontro público de praticantes da Wicca no Brasil e neste encontro surgiu a ideia de fazer uma associação para os praticantes, que resultou na ABRAWICCA, e teve como seu primeiro presidente Claudiney Prieto.

No ano de 2003, Claudiney Prieto saiu da associação e a atual presidente é Mavesper Cy Ceridwen (Márcia Bianchi) que já era assistente jurídica da associação (FILHO, 2014, p. 282). Mudanças ocorreram no Código Civil no ano de 2012, alegando que todos os tipos de igreja eram associação. Além das Igrejas evangélicas, os centros espíritos e terreiros sempre foram associações.

Porém esta nova lei estabelecia que quando uma pessoa saísse de uma associação ela tinha o direito de exigir de volta tudo aquilo que foi doado a associação, o que se tornou um problema para as igrejas evangélicas, que logo através da bancada evangélica conseguiu mudar o artigo, estabelecendo que as pessoas jurídicas e sociedades se dividissem em sociedades (com fins comerciais), associações (sem fins lucrativos) e entidades religiosas (Igrejas) que ficaram de fora das regras do Código civil para as associações (FILHO, 2014, p. 283).

²⁰ Wagner Perico é um bruxo da tradição de bruxaria Wanan, foi o idealizador do 1º Encontro de Bruxaria do Brasil no ano de 1998. Perico é um dos cinco *elders* da IBWB.

²¹ Denise de Santi foi uma das pioneiras da Wicca no Brasil e uma das fundadoras da sua tradição, a Tradição de Lilith, e uma das *elders* da IBWB.

Embora Mavesper por muito tempo tenha mantido a palavra que não era necessário que a ABRAWICCA se tornasse uma igreja, até porque todas eram tratadas como associações de um modo geral, com as mudanças da lei, ela também precisou se adaptar a essas mudanças e mudar a sua posição. Essa ideia causou um choque no neopaganismo, mas para ela o que tornava importante tomar essa decisão, eram as vantagens da institucionalização serem bem maiores. Esse choque ele ocorre, porque o paganismo é livre, não há autoridades centrais, ou um livro principal, afirma Mavesper (2014) durante a entrevista.

Ao que diz as vantagens no sentido econômico, ela não concorda, pois acredita que as igrejas deveriam pagar impostos de suas arrecadações, não devendo receber nenhum benefício com o dinheiro público, mas que isso é uma outra questão a se discutir. Então, devido a essas mudanças que ocorreram, uma associação como a ABRAWICCA caso resolvesse fazer algum ritual em algum parque, não poderia, porque apenas as entidades religiosas possuem esse direito.

Essa é uma das causas do porque se criar a IBWB e se organizar como uma entidade religiosa. Os cinco *elders* escolhidos foram: Denise de Santi, Wagner Périco, Naelyn Wyvern e Michaella Engel, que foi uma das primeiras a escrever um texto sobre bruxaria na década de 1990 e que serviu de base para aqueles que se interessavam pela Wicca na época.

Mavesper ainda conta à Filho (2014), que ela acredita que junto ao outros quatro *elders*, representam a história da Wicca no Brasil, além do Claudiney Prieto. Juntos, eles representam a fonte de que muitos praticantes da Wicca no Brasil beberam.

A intenção de institucionalizar uma entidade religiosa da Wicca não é para mandar, ou influenciar na vida dos bruxos ou como eles praticam a religião, mas para institucionalizar perante a lei e oficializar os seus praticantes perante as instituições (FILHO, 2014, p. 286).

Entre os exemplos que ela cita, dois são bem interessantes. Um no caso de uma amiga sacerdotisa americana que ia realizar a função sacerdotal, oferecendo cursos no Brasil, porém mesmo que ela viesse com o visto de turista, ela não poderia trabalhar. Mas devido à institucionalização da IBWB, agora existe um visto para sacerdotes que as igrejas podem pedir ao Itamaraty, e no caso dessa sacerdotisa, a IBWB pediu o visto dela e ela pode entrar no Brasil como visto de sacerdotisa sobre a responsabilidade da IBWB, e ela poderia ficar o tempo que quisesse, tendo direito a uma permanência ilimitada. Essa é uma das vantagens de ser uma entidade religiosa, afirma Mavesper (2014).

Outra vantagem se diz respeito às visitas em prisões e hospitais que no caso de algum pagão desejar uma benção, antes não seria possível um wiccano fazer a visitação, mas que através da institucionalização, hoje é possível por meio de um comprovante que é uma declaração da IBWB com o credenciamento sacerdotal, desse modo impedindo o sacerdote de ser barrado no hospital ou na prisão.

Parte da reação das pessoas se deu devido à palavra “Igreja”. Porém Mavesper alega que essa foi uma sugestão dela e que os fundadores aceitaram, até porque no vocábulo das pessoas leigas, fica muito mais fácil compreender como igreja, do que se fosse templo, tradição, até por a bruxaria e a Wicca serem uma religião.

Institucionalizar a Wicca como uma religião no Brasil e criar uma entidade religiosa, foi bem mais uma questão política para uma compreensão não dos que estão inseridos no meio, mas para quem não é pagão, pois se torna muito mais fácil de compreender a Wicca como uma religião. A exemplo disso um sacerdote Wiccano que pode ser associado mais facilmente pelos leigos a um pastor, a um padre ou a uma mãe de santo. Mas mesmo assim muitos pagãos ainda não concordam pelo fato da palavra Igreja sempre remeter a memória o cristianismo, só que as igrejas vão ir muito além da religião cristã.

A IBWB é como um cartório de registro dos sacerdotes e dos covens, não havendo nenhum templo dessa igreja, mas servindo para dar legitimidade perante a lei, atestando perante as autoridades que sacerdote A ou B, e que os praticantes dos covens registrados são bruxos.

2.4 Caminhos, Tradições e liturgias

A Wicca é considerada uma religião que tem raízes antigas. Praticada desde a tempos primevos, com o culto à Deusa e ao Deus cornudo. As mulheres antecedentes das “bruxas” eram as sacerdotisas da terra, muito antes da Wicca gardneriana se estabelecer.

Após Gardner ter apresentado a religião das bruxas ao mundo, a bruxaria ganhou novos caminhos que se estenderam não somente pela Europa, mas também na América, além de novos elementos diferentes dos criados por Gardner terem se juntado a Wicca.

Esses novos caminhos que se desmembraram da Wicca fundada por Gardner são chamados de “Tradições”. Tradição nesse caso, não possui o mesmo sentido da palavra que conhecemos, mas serve para designar um caminho que segue um padrão de rituais, possui sua própria ética, seus conceitos. Segundo o autor wiccaniano Scott Cunningham (1998), a tradição Wiccana é um sistema específico e estruturado dentro da Wicca.

As tradições podem possuir várias diferenças na sua forma de praticar a bruxaria, alguns podem cultuar ao Deus e à Deusa, outras são voltadas apenas ao culto da Deusa, que é uma das principais representações de uma “tradição”. A forma como se cultua os Deuses, que vai demonstrar muito das características de determinada tradição, pode ser focada somente no panteão grego, egípcio, nórdico, ou mesmo na mistura de vários panteões.

Além de uma visão cosmológica de criação e de divindade única que cada tradição pode possuir a forma de executar seus rituais também são diferenciados. Ela pode variar na forma como estruturam todo o rito, por exemplo, no horário (manhã ou noite), no modo de se vestir ou até mesmo praticar os rituais “vestido de céu” (nudez ritual). O uso dos instrumentos mágicos também pode variar, atribuindo mais valor ao uso de uns do que de outros.

Entre as tradições que sucederam após a Gardneriana, primeiramente Alex Sanders, teve muito sucesso na bruxaria. Sanders foi uma das estrelas da televisão britânica por ser um homem carismático e teatral. Ele pediu para ser iniciado por uma das sacerdotisas de Gardner e foi recusado. Foi iniciado por outra sacerdotisa, e criou o seu próprio *coven*. Ao conseguir uma cópia do *Livro das Sombras* de Gardner, ele o modificou e alegou ser um livro de herança familiar, que serviu como base para todos os seus *covens* criados, resultaram na formação da Tradição Alexandrina. Além de se intitular juntamente à sua mulher, Maxine Sanders (sua suma-sacerdotisa), como o Rei e a Rainha dos bruxos.

Sanders trouxe muitas modificações para a bruxaria. Algumas até foram aderidas por gardnerianos. Entre essas contribuições estão a prática da magia influenciada pela Cabala; o uso do Tarô e da Ordem Hermética da Aurora Dourada. Além de ter tornado a bruxaria mais acessível aos homossexuais, já que a gardneriana era fundamentada na polarização feminino/masculino. Assim como a Wicca Gardneriana, a Tradição Alexandrina não permite o caminho solitário e a auto-iniciação (RUSSELL; ALEXANDER, 2008, p. 179). Um dos maiores divulgadores da Tradição Alexandrina foi o casal Janet e Stewart Farrar, que escreveram vários livros.

Raymond e Rosemary Buckland introduziram na América do Norte a Wicca no ano de 1962 com permissão dos Gardnerianos, na cidade de Nova York. O cenário contracultural dos EUA na época, com vários movimentos espiritualistas, contribuíram para que a Wicca ganhasse mais destaque e chamasse atenção dos adeptos da contracultura americana. Porém a Wicca, era tradicionalista e isso batia de frente com a característica anárquica que o movimento de contracultura possuía. No ano de 1973, Buckland criou a sua própria “tradição” a Seax ou Saxon Wicca (Bruxaria Saxônica), em que mesclava as mitologias saxônicas e escandinavas a algumas práticas da Wicca Gardneriana.

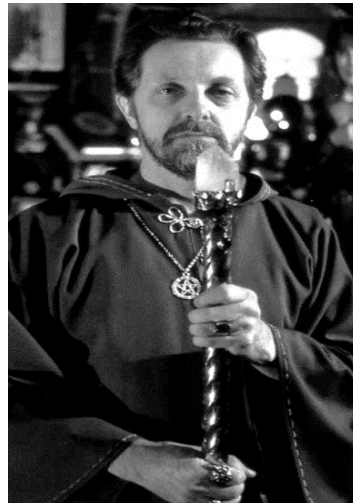
Em 1974 através de sua obra *The Tree* Buckland começou a falar sobre a auto-iniciação que foi de encontro ao lema proferido de “*Faça você mesmo*”. Ele ensinava àqueles que se interessavam pela bruxaria, que eles próprios podiam se iniciar sozinhos, ao optar pelo caminho solitário ou criar seu próprio *coven*. Esse modo de fazer a Wicca fez com que ela tivesse um *boom* de novos caminhos, dando início a uma nova geração de Wiccanianos (TUITTEAN; DANIELS, 2004, p.22).

O caminho solitário e a auto-iniciação criados por Buckland, fez surgir outra tradição conhecida como Wicca Eclética. Os adeptos dessa vertente possuem uma liberdade muito maior que as outras tradições e podem adaptar à sua prática as formas que melhor lhe satisfizerem, ao misturar conceitos e práticas de várias tradições e ramos da bruxaria. Seria uma espécie de contracultura wiccaniana dentro da própria Wicca.

Figura 04: Alex Sanders



Figura 05: Raymond Buckland



Fonte: Arquivo pessoal de Janet Farrar.

Fonte: RUSSEL, 2008, p.81

Outra tradição fundamentada no feminino e na natureza foi a Tradição Diânica criada por Zussana Budapest, uma imigrante húngara que vivia nos EUA. Nessa tradição, Budapest buscou misturar elementos da Wicca Gardneriana com os ideais do feminismo, ao centrar o culto somente a Deusa, especificamente Diana.

Além de Budapest, outra bruxa que divulgou a Wicca através da fundação de uma nova tradição conhecida como Tradição Reclaiming, foi Miriam Simons, conhecida como Starhawk (RUSSELL, 2008, p. 184). Nessa tradição Starhawk misturou elementos da Wicca gardneriana, da Tradição das Fadas de Victor Anderson, e da Bruxaria Diânica de Budapest. Starhawk alcançou grande sucesso através de sua obra mais famosa, e mais difundida entre os wiccanianos, *A dança cósmica das feiticeiras* (1993).

A Fairy Wicca teve como precursor Victor Anderson, que antes que criar a Fairy Wicca já fazia parte de uma outra Tradição das Fadas que não possuía nenhuma ligação com a Wicca de Gardner. Era um caminho tão antigo quanto a Wicca. Anderson mesclou elementos da Tradição das Fadas com a Wicca de Gardner e de Alex Sanders, e o seu resultado foi a Fairy Wicca, que teve bastante difusão na década de 70 pelo sacerdote da tradição, Gwydion Pendderwen.

2.4.1 O Altar

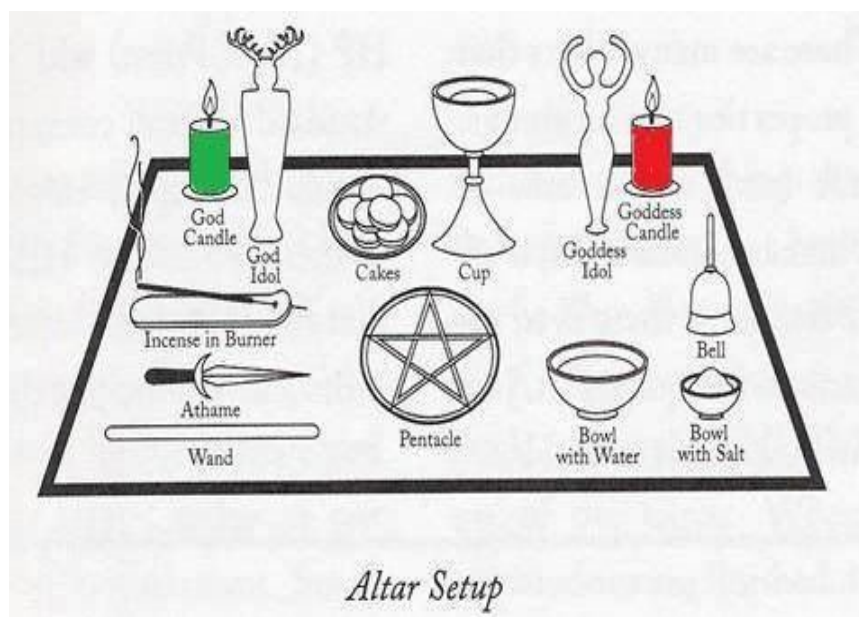
Um dos espaços sagrados utilizado pela Wicca é o altar. O sacerdote Claudiney Prieto(2009) nos diz que o altar para o wicanniano é:

O nosso portal de comunicação com os Deuses e é visto como uma oferenda física e espiritual ao Divino além de representar nossa mente subconsciente. Assim, o altar sempre é tratado com reverência, pois ele não só suporta símbolos que representam o Sagrado mas também a essência dos elementos

da natureza, que estão dentro e fora de nós, lembrando-nos que tudo o que é realizado sobre o altar é feito em honra a eles (PRIETO, 2009, p. 53)

O altar deve sempre estar voltado para o Norte, pois acreditam que é o eixo da terra em que há uma maior conexão com a energia da Deusa e da própria terra. O altar se voltado ao culto do Deus e da Deusa, um lado deve ser destinado ao feminino, e o outro ao masculino, e é comum utilizar estatuas que representem a Deusa e o Deus, seja do panteão cultuado ou apenas a Deusa em sua representação de Grande-Mãe e o Deus de chifres. Além de estatuas, outros objetos podem representar o casal divino, tais como os elementos da natureza que os representem como: conchas, pedras, flechas, ou até mesmo velas.

Figura 06: Modelo de Altar Wiccaniano



Fonte: Blog “Mistérios dos Deuses” Disponível em:
<http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2014/08/o-altar-sagrado-das-bruxas.html>> Acesso em 15 de Maio de 2015

Figura 07: Modelo [02] de Altar Wiccaniano



Fonte: Retirada do site: <<http://imgarcade.in/1/wiccan-altar/>> Acesso em 15 de Maio de 2015.

Para os wiccanianos a representação da Deusa deve ficar ao lado esquerdo e o Deus à direita. Os principais elementos que formam um altar: Cálice, Pentáculo, Athame²², e Caldeirão. Também devem ser organizado nos quadrantes e cada elemento no seu lado representativo dos polos feminino e masculino. É bastante comum também, os wiccanianos colocarem sobre o altar outros objetos, como incensos, flores, joias pessoais e pedras. Também é uma prática comum acrescentar elementos relacionados aos festivais do Calendário litúrgico, a utilização de elementos e cores que representam cada Sabá. Aconselha-se que antes de montar o altar, cada objeto seja purificado e consagrado.

²² O Athame é um instrumento ritual, uma espécie de adaga. Poder ser representado tanto pelo elemento fogo como pelo elemento ar. E possui o aspecto masculino do Deus, representando o seu falo durante o Grande Rito

2.4.2 O Círculo Mágico

Outro elemento dos rituais mágicos wiccaniano, é o uso de um círculo. O círculo é um espaço delimitado pelos bruxos onde a prática da magia será feita. Ele serve para conter o poder e elevar a energia nos rituais, além de ficar “entre” os mundos terreno e dos Deuses. Ele também serve de proteção para que nenhuma energia indesejada e não convidada entre no círculo e interfira no ritual feito.

Os bruxos acreditam que o círculo mágico deve ser traçado pelo Athame ou espada mágica, e após ser feito deve ser purificado juntamente com as pessoas que estarão nele. Para Gardner, o círculo traçado pelas bruxas é totalmente diferente do que é traçado por alguns magos que buscam invocar e evocar espíritos negativos ou demônios servindo o círculo para eles como uma proteção. Para as bruxas o círculo serve para manter o poder gerado dentro dele, que pode crescer e ser moldado por elas.

Claudiney Prieto(2009) apresenta os motivos do porque o círculo deve ser traçado:

- 1- Alterar nossa Consciência: o ato de lançar o Círculo antes de um ritual altera nossas consciências, facilitando os estados de transe necessários para qualquer trabalho mágico. Fazer algo que não realizamos comumente, antes de um rito começar, chama a atenção de nosso eu interior fazendo com que a mente se desligue do mundano e mergulhe no Divino.
- 2- Estabelecer um Templo: o círculo é o verdadeiro templo do Bruxo. Nele invocamos nossos Deuses, nos conectamos com o Divino. O Círculo é tratado como um espaço sagrado, repleto de forças poderosas e divinas.
- 3- Proteger: o Círculo cria um escudo de defesa contra as energias contrárias e não desejadas, internas e externas, que poderiam causar algum dano a nós ou à nossa cerimônia.
- 4- Filtrar: o Círculo é um filtro das energias que nos cercam, fazendo com que somente as forças desejadas e úteis unam-se à nós em um rito.
- 5- Poder de Concentrar: o Círculo tem a virtude de conter e manter as energias criadas e invocadas ao nosso redor em seu interior, até que seja o momento de liberá-las.
- 6- Recortar um espaço entre os mundos: o círculo mágico é estabelecido com o athame exatamente para recortar um espaço neste mundo para ser lançado no Outro mundo. O círculo não permanece nem no mundo dos homens nem no dos Deuses e torna-se intermediário entre os dois
- 7- Criar um Ovo Akáshico: o Círculo também representa o Ovo Cósmico no ventre da Deusa. Ele carrega em si forças criadoras em potencial (nossos desejos)

que germinarão e nascerão do ventre da Grande Mãe. 8- Interligar aura de seu criador com o Sagrado: ele também é uma extensão da aura de quem o cria, interligando-o com o Divino. Exatamente por este motivo, devemos estar centrados e equilibrados antes de lançá-lo(PRIETO, 2009, p. 64).

E para Raven Grimassi:

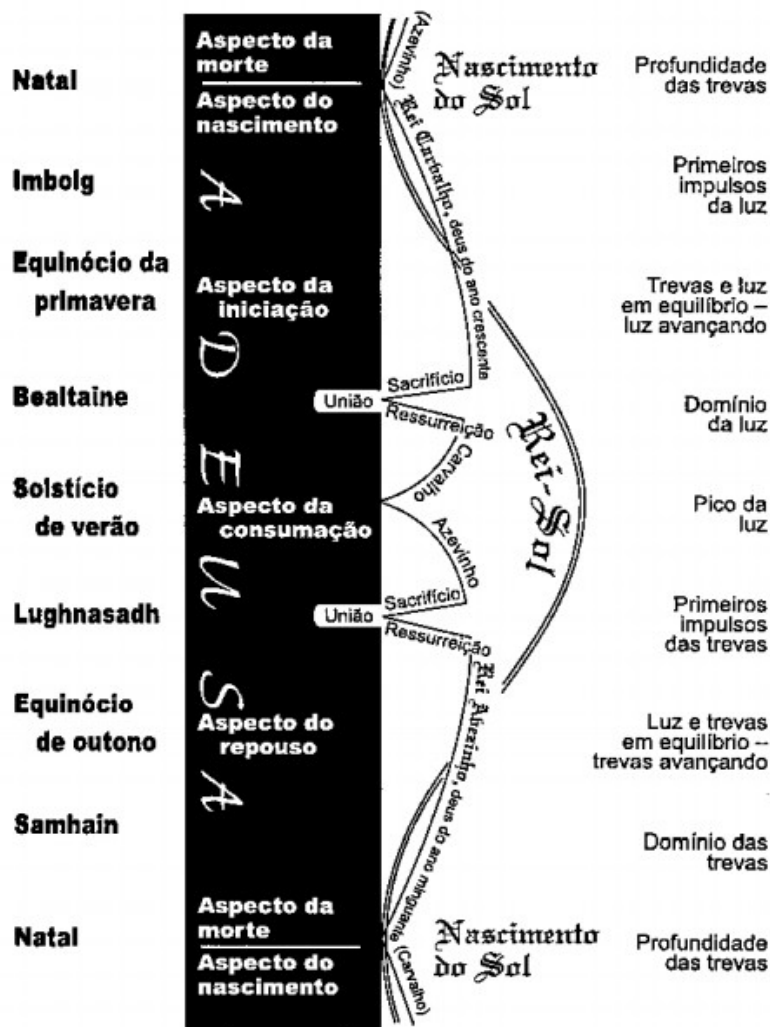
O Círculo Mágico é um espaço ritual marcado no solo ou no chão. Os círculos mágicos são usados para criar espaços sagrados ou barreiras contra energias prejudiciais e entidades. Os Círculos Tradicionais variam de dois metros e meio a cinco metros de diâmetro. Alguns círculos mágicos são marcados nos quatro quadrantes com símbolos associando-os a suas fontes de poder. Os Círculos Mágicos são formados ao se derramar a energia, normalmente usando um athame, um ato frequentemente referido como traçar ou lançar o círculo. Um anel de energia é estabelecido ao redor do perímetro do círculo; depois através do poder da mente o círculo é fechado dentro de uma esfera de energia. Uma vez estabelecido, encantamentos mágicos ou outros trabalhos podem ser realizados. O Círculo funciona para manter a energia elevada dentro dele até que seja a hora de liberá-lo (GRIMASSI, 2004, p.78)

2.4.3 Os Sabás

A Wicca possuiu um calendário litúrgico que se baseia nas mudanças que ocorrem na natureza e consistem em 21 rituais anuais, oito Sabás e treze Esbás. Gardner no livro *Significado da Bruxaria* (2003) nos apresenta os quatro grandes festivais, que são: Samhain, a Véspera de Maio, Lammas e Candlemas. Como afirma Duarte (2013), esses festivais ficaram popularizados como os quatro grandes sabás da Wicca, através da obra de Margareth Murray. Entre os anos 1960 e 1970, enquanto a religião foi sofrendo mudanças e uma nova ritualística (com novas tradições), outros quatro sabás foram acrescentados, ficando conhecido como Sabás menores, que correspondem aos solstícios e equinócios.

Os sabás menores começaram a ser divulgados através da literatura wiccaniana a partir da década de 1980, sendo esses: Yule (solstício de inverno); Litha (solstício de verão); Ostara ou Eostre (Equinócio de Primavera) e Mabon (equinócio de Outono). Consolidado assim o calendário litúrgico como é conhecido hoje, formado por Samhain, Yule, Imbolc, Ostara, Beltane, Litha, Lughnasad e Mabon (DUARTE, 2013, p.64).

Figura 08: Quadro explicativo de Sabás



Fonte: FARRAR, 1983, p. 25.

Uma das grandes discussões que acontecem na atualidade sobre os sabás²³ entre os Wiccanos, é sobre a sua celebração no Hemisfério Sul, ao que diz respeito como a roda do ano deve ser seguida e celebrada. Muitos bruxos que vivem no Hemisfério Sul adaptaram esses festivais para a ordem que a natureza segue no Sul, e inverteram a roda²⁴. Alguns não consideram correto festejar a roda do ano através dessa adaptação, pois eles acreditam que deve ser seguida fielmente a roda do Norte, até por haver uma egrégora maior, em que a energia desses ritos acaba sendo direcionada em uma dimensão muito maior. Outros preferem seguir o curso correto da natureza onde se vive.

Com a roda do ano pelo Hemisfério Sul, o Samhain que é celebrado 31 de Outubro, passa a ser celebrado em 01 de Maio no Sul, e é conhecido como o Ano Novo wiccaniano. Nesse momento, o Deus encontra-se velho e precisa voltar para o País do verão, até retornar no Yule como filho da Deusa, que lamenta a morte do Deus, trazendo dias de escuridão à terra. Também se acredita que nessa época o véu entre os mundos é aberto, e os espíritos na noite de Samhain conseguem vagar pela terra. É uma oportunidade dos wiccanianos contatarem os seus ancestrais.

Yule, o solstício de Inverno, é comemorado em 21 de Dezembro no Norte e 21 de Junho no Sul. É a noite mais longa e o dia mais curto do ano. É quando o Deus renasce como a criança da Promessa, o Deus que tinha morrido no Samhain, o Rei Azevinho é substituído pelo Rei do carvalho. A partir desse solstício os dias se tornam mais longos, e as noites curtas, e aos poucos a luz vai voltando, através do sol.

Imbolc ou Candlemas é celebrado em 02 de Agosto no Sul e 02 de Fevereiro no Norte. É o momento mais frio do ano e é consagrado à Deusa celta Brigit, do fogo, da família e do lar. Tem-se o costume de acender várias velas. Nesse momento a Deusa vai afastando o inverno.

²³ Todas as descrições sobre os sabás foram retiradas de (PRIETO, 2006) e do Site *Wicca- OldReligion* Disponível em: <<http://www.oldreligion.com.br/>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

²⁴ A Roda do Ano é o equivalente ao Calendário Litúrgico. São os festivais que completam o ciclo em um ano

Ostara ocorre em 21 de Março no Norte e 21 de Setembro no Sul, o equinócio de primavera. É o momento de celebrar a renovação da terra e a chegada da primavera. Nessa época a Deusa é a jovem donzela e o Deus o jovem caçador. É um momento que a natureza está em equilíbrio. Faz parte da tradição, pintar ovos, que representam as sementes dos desejos, já que é um festival da fertilidade e renovação.

Beltane é celebrado em 01 de Maio no Norte e 31 de Outubro no Sul. É a chegada do verão e esse sabá é representado pelas fogueiras ao Deus Belenos, que representa toda paixão e intensidade do Deus e da Deusa, quando a relação deles é consumada abençoando a terra com fertilidade que vai gerar boas colheitas.

Litha é o solstício de verão que ocorre entre 20 de Dezembro no Sul e 20 de Junho no Norte. É quando o sol alcança o seu apogeu. É o dia mais longo do ano quando a terra se prepara para a grande colheita. A Deusa engravida e o Deus chega ao máximo do poder.

Lughnasad ou Lammas ocorre em 02 de Fevereiro no Norte e 01 de Agosto no Sul. É quando acontece a primeira colheita, um momento de grande fartura e oferendas devem ser ofertadas ao Deus e a Deusa como agradecimento. Também é comemorado em honra ao Deus celta solar Lugh, além de ser uma época em que o Deus doa a sua força a terra e a Deusa vai envelhecendo.

Mabon o equinócio de outono, ocorre em 21 de Setembro no Norte e 21 de Março no Sul. É a época da segunda colheita do ano, uma época de equilíbrio em que o dia e a noite possuem a mesma duração. A natureza começa a se preparar para a chegada do inverno.

2.4.4 Os Esbás

Os Esbás²⁵ são as celebrações das mudanças das fases lunares, e em geral são realizados na lua cheia que representa a Deusa em seu aspecto mãe. Treze lunações são celebradas no decorrer de um ano. Uma prática muito comum nesses rituais é o de “puxar a lua”, uma forma de puxar a energia da lua para os wiccanianos, para eles próprios ou para algum feitiço, amuleto, talismã.

²⁵ Todas as descrições sobre os esbás foram retiradas de (PRIETO, 2006) e do Site *Wicca- Old Religion* Disponível em: <<http://www.oldreligion.com.br/>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

Cada luação recebe um nome específico, mas também pode variar de Tradição para Tradição, porém os mais comuns são: Lua do feno (Janeiro), Lua do Milho (Fevereiro), Lua da colheita (Março), Lua do Sangue (Abril), Lua Escura (Maio), Lua do Carvalho (Maio), Lua do Lobo (Julho), Lua da Tempestade (Agosto), Lua do Arado (Setembro), Lua dos Grãos (Outubro), Lua da Lebre (Novembro) e, por fim, Lua dos Prados (Dezembro).

2.4.5 Os Ritos de Passagem

Além dos rituais realizados do Calendário Litúrgico, os wiccanianos também possuem ritos de passagem que são os de: nascimento, casamento, morte e transcendência, conhecidos como Wiccaning, Handfasting e Requiem, e os de transcendência por Dedicção e Iniciação. Para Claudiney Prieto (2000) os ritos de passagem wiccanianos são bem mais do que rituais, mas um processo mágico e social que prepara os bruxos para a vida.

O ritual para as crianças, o Wiccaning, é uma apresentação que os pais fazem da criança aos deuses é similar a um batizado somente no sentido de invocar proteção divina para a criança e difere do batizado, porque quando a criança se tornar adulta, ela é que irá escolher qual caminho trilhar. O Wiccaning também adota a ideia da criança possuir padrinhos e são chamados de “patrocinadores” para não serem ligados a visão cristã, e não precisam ser bruxos, mas devem simpatizar com a bruxaria e aceitar participar do ritual (FARRAR, 1983,p. 166).

O Handfasting é o casamento dos bruxos perante os deuses. É comum após a cerimônia o casal pular juntos uma vassoura mágica para confirmar a união. O Réquiem é o ritual de morte para os bruxos, o funeral. Nesse ritual os portais do “Outro Mundo” são abertos para que os espíritos possam passar e o Deus é invocado para conduzir a alma do morto ao País do Verão.

A Dedicção é quando o indivíduo se apresenta aos Deuses e recebe um nome da Arte. Ele passa um ano e um dia estudando para poder finalmente ser iniciado caso ele deseje. É o processo inicial do caminho mágico para se tornar um bruxo. A Iniciação ocorre após um ano e um dia da dedicção quando a pessoa escolhe que realmente quer seguir a bruxaria e a partir da iniciação se torna um sacerdote (PRIETO, 2000, p.65).

3. AS BRUXAS E O SÉCULO XXI

3.1 Novos Caminhos da Bruxaria

O fato da divulgação inicial da Bruxaria por Gardner foi apenas a ponta do iceberg para que a bruxaria ganhasse a dimensão que tem conquistado no século XXI. Mas não podemos deixar de atribuir ao famoso “pai” da bruxaria essa conquista.

A bruxaria cresceu como uma religião contemporânea expandiu-se pelo mundo, e ganhou novos ramos, outros caminhos. Embora muitas das bruxarias formadas no mundo contemporâneo não tenham mais tanta ligação com a Wicca Gardneriana, muitas ainda possuem elementos gardnerianos presentes em suas práticas.

O cenário contracultural americano possibilitou que a sua divulgação e o interesse das pessoas se multiplicasse, com os novos movimentos que surgiram como o New Age, e o circuito esotérico e o Neopaganismo.

Embora grande parte dos pesquisadores considere a Wicca como um fenômeno da Nova Era, é preciso fazer uma divisão do tempo e em que contexto a Wicca se insere como religião uma New Age. Os próprios Wiccanianos não se consideram Nova Era por considerarem a nova Era um fenômeno novo, e que a Wicca mesmo sistematizada por Gardner no século XX, é uma religião antiga.

Para os praticantes a relação que a Wicca vai ter com o New Age, é que esse fenômeno vai fazer com que a Wicca tenha uma explosão nessa época, ganhando novos seguidores, mas que muitos a abandonaram por a Wicca ser uma religião que exige muito estudo e dedicação. (TUILEAN; DANIELS, 2004, p. 339).

Quanto às origens da Nova Era, o antropólogo José Guilherme C. Magnani (1999) nos explica que o movimento da contracultura, o espiritualismo e a teosofia do século XIX, além de outras correntes espirituais e ocultistas do Oriente e do Ocidente influenciaram o que viria ser a Nova Era ou Era de Aquário, que teve o seu *boom* nas décadas que 1980 e 1990 (MAGNANI, 1999, p.12).

A crise religiosa que tomava a sociedade americana da década de 1970 trouxe a busca por uma nova consciência, que abrangeu não somente o campo religioso, mas os valores políticos, sociais e culturais da sociedade norte-americana. Fez também com que surgisse uma tradição alternativa religiosa, voltada a espiritualidades que fugissem do padrão judaico-cristão, mais focada em correntes orientais, filosofias ocultistas e misticismo (CAVALCANTE, 2009, p. 38).

As práticas do movimento New Age são chamadas de “esotéricas”, chamaram a atenção da juventude para o budismo, o hinduísmo e várias outras correntes religiosas orientais religiosas, o Neopaganismo, além de práticas voltadas para a magia, à oráculos como o tarô, búzios, runas e o uso de amuletos.

O objetivo do movimento New Age, durante a década de 1960, era uma vida comunitária e de solidariedade, longe da industrialização e do consumismo. Era o encontro para uma vivência mais espiritual do que material. Vai ser dos anos 70 em diante que o New Age vai expandir no mundo através da comunicação de massa (jornais, revistas, livros, filmes, programas de televisão), além de palestras e conferências. Toda essa produção condicionou o movimento às leis de mercado. O que um dia foi uma crítica inicial do movimento, acabou tornando-se a sua realidade, quando o New Age caracterizou-se pelo individualismo utilitário e pela indústria cultural (CAVALCANTE, 2009, p. 53).

Tornou-se comum os anúncios de consultas oraculares, terapias naturais, medicina alternativa, como o Reiki e a Acupuntura, exercícios orientais como a Yoga, práticas e grupos xamânicos, além de uma grande expansão de cursos, palestras e workshops sobre várias crenças e sistemas filosóficos e espirituais (MAGNANI, 1999, p. 10).

Fomentam a Nova Era, além desses recursos relacionados ao praticar, o consumo de livros e revistas, *Cd's*, *Dvd's* de música New Age, livros de Auto-ajuda, produtos orgânicos, incensos, cristais, pêndulos, imagens míticas como anjos, duendes, fadas, elfos, dragões, etc. Conforme Magnani (1999) todos esses elementos estão ligados a um fenômeno mercadológico característico da Nova Era.

A maioria dos consumidores desse fenômeno podem ser considerados “ingênuos”, mas existe uma parcela informada e bastante exigente, que se dedica aos temas destacados pela Nova Era (religiões neopagãs, criaturas míticas, xamanismo, uso do tarô, entre outros)

com seriedade, indo além dos padrões que são desenhados pela mídia (MAGNANI, 1999, p. 11).

A Wicca fundada por Gardner seguia uma linha tradicionalista, mas passou por modificações ao chegar ao solo americano. Essas mudanças que se iniciaram por meio de Raymond Buckland, e a partir da sua criação da auto-iniciação desencadeou o surgimento de várias tradições wiccanianas e de bruxaria, além de bruxos solitários por todo o mundo.

Os primeiros livros publicados sobre a Wicca não explicava tanto sobre como fazer feitiços, poções, rituais, como montar um altar, mas devido os novos rumos que a Wicca ganhou a partir da década de 70, ela também tornou-se uma bruxaria no estilo de “*Faça você mesmo*” (DUARTE, 2013, p. 78)

Para Mircea Eliade (1979), o fenômeno da Bruxaria na Contemporaneidade, seria a manifestação de uma tendência muito mais ampla, que abrange a grande popularidade que certas crenças e práticas relacionadas ao oculto e ao esotérico possuem, que vai desde a Astrologia, aos movimentos neo-espiritualistas, o hermetismo, alquimia, zen, ioga, gnosés e correntes orientais.

O interesse dos jovens na década de 1970 e 1980 por outras religiões alternativas se deu pela insatisfação com as instituições existentes. Eles buscavam romper com um passado tradicionalista e dogmático. Queriam uma real ruptura com o “*establishment*”, gerando uma rejeição pelas estruturas sociais e morais da sociedade moderna, que fez com que a busca por outras tendências voltadas a uma “Religião cósmica” se propagasse. Essa procura por religiões que tivessem uma maior conexão com a natureza, permitindo uma liberdade sexual e corporal, enfocadas em religiões de crenças antigas que foram perseguidas e criticadas pelo Cristianismo, tornou-se atrativa para os jovens dessas décadas (ELIADE, 1979, p. 93)

A bruxa ao se inserir no universo esotérico e neopagão, surge como uma referência da mulher que vive livre das amarras da sociedade, que exerce livremente a sua sexualidade e a sua liberdade (SCHWADE, 2001, p. 119). Ao resgatar o culto à divindades femininas, a bruxaria permitiu que a mulher se encontrasse com ela mesma.

A antropóloga Sabina Magliocco, em seu artigo *Pagans* do livro *Religions in Focus: New Approaches to Tradition and Contemporary Practices* (2009), afirma que o termo Neopaganismo serve para designar uma variedade de religiões que seguem rituais sazonais e

celebram a terra e possuem em comum as características de não possuírem livros sagrados e uma forma coletiva de religião.

Os neopagãos buscam fazer um resgate ao culto das religiões pré-cristas, como as do antigo paganismo europeu, religiões do Norte da África, além de religiões indígenas de todo o mundo. Eles acreditam em Deuses e Deusas e nos espíritos da natureza, e fazem essas antigas religiões e espiritualidades reavivarem no mundo moderno, trazendo elementos dessas religiões para o culto e para a prática contemporânea (MAGGIOCO, 2014, p.4). A Wicca é considerada uma religião neopagã, juntamente com outras religiões que abarcam o neopaganismo. São as religiões *Reconstrucionistas*, que podem ser celta, grega, egípcia, romana. O neopaganismo nórdico através do *Asatru* e do *Odinismo*, além da Bruxaria Germânica, Bruxaria Italiana (Stregueria), Bruxaria Ibérica e a Bruxaria Tradicional.

A Internet foi outro meio que contribuiu grandiosamente para a expansão da Bruxaria, principalmente no Brasil onde muito de sua divulgação e crescimento se deve aos blogs, sites, vídeos e livros disponíveis na rede virtual. Russel (2008) elenca dois fatores do porque a internet foi um elemento central: primeiro porque a internet permitiu que pessoas que faziam parte de uma “minorias cultural” marginalizada, se conectassem com a garantia da privacidade. Hoje as dimensões que a Bruxaria e a Wicca alcançaram na Internet se tornaram muito maiores.

A bruxaria moderna também ganhou bastante difusão por meio da indústria cinematográfica hollywoodiana, que apesar de ter representado em muitos filmes, principalmente nos clássicos da *Disney* o estereótipo da bruxa, durante o *boom* da Wicca, as bruxas e bruxos passaram a ser representados como personagens possuidores de grande poder, atração, conhecimento e sedução, formatando um novo estereótipo contemporâneo das bruxas.

Um dos muitos filmes a retratar a bruxaria, foi *The Wicker Man* (1973) que apresentava alguns elementos da Wicca em sua trama, como destaca Luciana de Campos e Johnni Langer (2007):

O filme traz indicações diretas a vários elementos da wicca: o culto da natureza, do deus chifrudo e da grande deusa mãe. Outros elementos do filme também são constantes do neo-paganismo, como ritos de fertilidade, círculos

mágicos, a sobrevivência da alma pela reencarnação e da possibilidade de contato com o outro mundo e principalmente, a sobrevivência de crenças religiosas da cultura Celta. Uma das diferenças da wicca com a narrativa fílmica, é que ela não constitui a crença coletiva de uma comunidade inteira, sendo antes um movimento inicialmente isolado em regiões interioranas e posteriormente levado para as grandes cidades, com uma quantidade pequena de adeptos (ao menos até meados dos anos 1970) (CAMPOS; LANGER, 2007, p. 4).

Outra produção de sucesso que retratava a bruxaria aos moldes de Hollywood, foi a série *Bewitched* (Traduzida no Brasil como *A Feiticeira*) no ano de 1964, que contava a história de Samantha, uma bruxa casada com um mortal.

Mas foi principalmente a partir da década de 1990 que as temáticas sobre bruxaria se expandiram na mídia, focadas principalmente no público adolescente (RUSSELL, 2008, p. 190). Entre os grandes sucessos da época, vale destacar o filme *Jovens Bruxas*, que embora apresente a bruxaria moderna de forma totalmente sensacionalista e fantasiosa, atingiu grande sucesso entre o público *teen* da época, e fez com que muitos procurassem saber sobre a Wicca. Embora alguns wiccanianos mais tradicionais critiquem o filme ou não gostem, de um modo geral até hoje ainda é um dos filmes mais famosos sobre a bruxaria, e atraindo atenção dos jovens e despertando o interesse de conhecer o mundo das bruxas.

Outro lançamento da época foi a série *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, que teve grande repercussão, além dos filmes lançados sobre a mesma personagem (a bruxinha Sabrina) principalmente no Brasil até o início dos anos 2000. A série *Charmed* no ano de 1998, também buscou retratar as bruxas ao apresentar a bruxaria como uma prática de linhagem familiar, misturando alguns elementos da Wicca, como o altar e o livro das sombras, entre outros elementos, mas também o mundo de fantasia, de demônios, criaturas mágicas, e poderes surreais, típico do cinema. O filme *Da magia à Sedução*, estrelado por Sandra Buckland e Nicole Kidman, que conta a história das irmãs Owens, também mescla elementos da Wicca e da bruxaria natural, mas sempre permeado do glamour e fantasia hollywoodiana. É um dos filmes *queridinhos* pelas bruxas até hoje.

A explosão da Wicca na década de 1980 e 1990 contribuiu para que a partir dos anos 2000, um número cada vez maior de filmes, séries e livros focados em bruxas e magia tem

sido produzido. Quando o sacerdote wiccaniano Klaus Eduardo foi questionado sobre sua opinião do papel que Hollywood exerce em produzir temáticas de bruxaria, ele respondeu que:

K.E- Muita coisa foi somente mídia, ela ajuda às vezes e muita vez atrapalha! Os filmes às vezes mostram só um lado da moeda sobre a bruxaria, que é boa, da sede de poder, manipulação total em cima das pessoas ou muitas vezes como contos de fadas. Mas não podemos negar o fato que eles auxiliaram e muito a caminhada dos irmãos do caminho se é que posso chamar todos assim. Outra paixão minha é o cinema, então acredito e espero novos filmes sobre o tema e que mostrem que bruxos não são o mal pintado por ai. Aconselho assistir a série de TV *Salem*, para se entender melhor sobre a história da bruxaria e procure retirar a visão cristã sobre o assunto. (EDUARDO, 2015).

Por mais que muitos bruxos considerem que os filmes produzidos fizeram com que as pessoas se interessassem pela bruxaria e buscassem praticá-la com base nesses filmes (que gerou praticantes da bruxaria e da Wicca como os *Pink Wicca*). Essa influência do cinema e da televisão também fez com que a Wicca fosse vista como modismo midiático, ou uma religião que não fosse séria, mas também foi através dos filmes, que muitos bruxos começaram o seu caminho e descobriram essa religião.

Muitos foram os caminhos que se formaram após a época de Gardner. E muito provavelmente muitos outros virão. Em poucas décadas, a bruxaria passou por grandes transformações em sua divulgação e a sua prática, se estendeu de um modo que talvez Gardner jamais imaginasse que alcançaria. Mas o que não pode ser negado é que foi a partir de sua atitude em revelar a bruxaria ao mundo, após tantos séculos nas sombras, que contribuiu primeiramente para que ela ganhasse as dimensões que se conquistou hoje.

3.2- Bruxaria e Oralidade

Como dito anteriormente, o uso da História Oral Temática também foi um dos meios escolhidos para a realização de entrevistas com praticantes da religião. O critério de escolha dos entrevistados se deu por pessoas que já fossem iniciadas na religião, e exercessem uma função sacerdotal, além da importância que cada um representa em sua região para a Wicca.

A escolha de usar a História Oral se deu pela forma que ela permite estudar uma história do tempo presente, uma história viva através dos testemunhos obtidos. Segundo Meihy (1996): “A História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à vida social das pessoas”. Além do fato que as informações fornecidas através dos entrevistados servem para preencher tudo aquilo que não é dito nos documentos.

Um dos aspectos da História Oral é que ela serviu para dar voz aos vencidos, aos silenciados e excluídos da História (MEIHY, 1996, p 32), o que me fez remeter a uma passagem da obra de Gardner *A Bruxaria Hoje*, em que ele fala:

Muitos livros foram escritos sobre bruxaria. Os primeiros foram, na maioria, propaganda escrita pelas Igrejas para desencorajar e assustar as pessoas que tivessem conexão com o que para eles era um odiado rival - pois a bruxaria é uma religião. Mais tarde, apareceram livros empenhados em provar que esses ritos jamais existiram. Alguns desses livros podem ter sido inspirados ou mesmo escritos pelas próprias bruxas. Depois, muitos livros trataram da bruxaria de maneira científica, com autores como a Dra. Margaret Murray, R. Trevor Davis, Christine Hoyle, Arne Runeberg, Pennethorne Hughes e Montague Summers [...] mas, a meu ver, todos esses livros têm um erro. Embora seus autores soubessem que bruxas existem, nenhum deles consultou uma bruxa (GARDNER, 2003, p.10).

Gardner faz essa crítica, aos que escreveram a História da Bruxaria por séculos, quase nenhum deles chegaram diretamente a uma bruxa realmente para lhe perguntar sobre a bruxaria. É evidente que a visão delas deveria ter algum valor para se saber mais sobre a bruxaria. Ele até cita um amigo professor que pesquisava sobre as bruxas, e por mais que ele tenha obtido informações com elas, jamais teve coragem de ir a suas reuniões, até por

enfrentar a própria sociedade que não veria tal atitude com bons olhos... Muito provavelmente ele perderia a sua cadeira como docente.

Sem o advento da História Oral e de mudanças ocorridas na própria historiografia, estudar temas assim seria muito mais difícil. A História Oral permite justamente esse contato com o que jamais foi permitido em outras épocas, o contato com a memória das pessoas que experimentaram ou fazem parte do tema estudado, revelando aquilo que não se encontra nos documentos oficiais.

Hoje esse interesse que Gardner (como antropólogo) teve no passado, de buscar o saber da bruxaria por meios das bruxas como ele próprio diz, se interessando em estudar “*o que as pessoas fazem e em que acreditam, e não o que outras pessoas dizem que elas fazem ou acreditam.*” (GARDNER, 2003, p. 11), até porque a História Oral não tinha chegado ainda a Inglaterra na época em que Gardner formou a Wicca, vindo a ser exercida somente nos anos 70 em solo britânico.

A História Oral escolhida pra se trabalhar foi a História Oral temática, em que quase sempre o uso das fontes orais tem o mesmo valor das escritas (MEIHY, 1996, p. 41). Já que ela tem a função de fornecer o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre o determinado tema ou evento pesquisado.

Para se buscar contatar adeptos da religião que residissem na cidade de Natal/RN, foram procurados na rede social (*Facebook*) grupos e pessoas da região que praticassem a bruxaria. A escolha por buscar praticantes nessa rede social, se deu pelo fato de eu não conhecer em Natal nenhum praticante da religião, possuindo contatos apenas de outros estados. Através do Fórum da TCS em um tópico que era para pessoas encontrar praticantes em suas cidades, encontrei uma garota que também faz parte do movimento neopagão em Natal e da Tradição das Fadas. Ao contatá-la ela me explicou a tradição que seguia e que não fazia parte da Wicca e me indicou alguns contatos, mas por serem menores de idade as entrevistas não foram feitas. Inicialmente uma das maiores dificuldades foi essa, encontrar alguém que fosse praticante exclusivamente da Wicca e que residisse em Natal.

Essa mesma garota da Tradição das Fadas, junto a outros bruxos seguidores de outras tradições, me indicaram o caminho até chegar ao sacerdote Klaus Eduardo, o entrevistado escolhido que foi recomendado como alguém de confiança dessas pessoas que contatei e de

evidência nos encontros neopagãos organizados na cidade, que abrangem não somente praticantes da Wicca.

O outro meio de contato se deu através da pesquisa na Internet sobre a Wicca, ao ler vários blogs, sites e assistir vários vídeos no *Youtube*, em que há alguns canais de praticantes da religião, que disponibilizam informações. Entre estes canais, um que me chamou bastante atenção foi o da vertente conhecida como: *Tradição Caminho das Sombras*, pelo papel que ela exerce nessas mídias, auxiliando as pessoas que se interessam pela Wicca e desejam praticá-la. Nesses vídeos tinha como uma das auxiliadoras do canal e das outras páginas da TCS e orientadora dessa tradição, a sacerdotisa Aileen Daw, que foi uma das escolhidas também para tal requisito.

A primeira contatada foi a Aileen Daw no ano de 2014 através de email, quando eu me interessei em iniciar a pesquisa, mas devido a questões pessoais, precisei parar por alguns meses com a sua execução. A mesma mostrou-se disposta em ajudar na formação desse trabalho, através de seu depoimento. Já no ano de 2015, voltamos a nos contatar, e dessa vez para fazermos a entrevista, no mês de abril. Quanto a Klaus Eduardo, o contato se deu através do Facebook que me foi passado por uma amiga do mesmo e que de antemão explicou a ele o interesse que eu tinha em encontrar alguém da Wicca que pudesse me ceder uma entrevista. Ele também mostrou-se interessado em ajudar, me cedendo o seu depoimento.

Klaus Eduardo é um sacerdote Wicanniano, possui um *Coven* voltado para práticas de culto à Deuses gregos e rituais ligados à Grécia Antiga, além de auxiliar no evento pagão *Dançando para Florescer*. Ele também é palestrante do *Ventre Negro*, que segundo o próprio, é um encontro mensal que acontece entre bruxos e pagãos de Natal/RN.

Aileen Daw é uma sacerdotisa Wicanniana e faz parte da *Tradição Caminhos das Sombras* desde sua fundação, mas antes fazia parte da TDB (Tradição Diânica do Brasil). É a co-fundadora do *Coven Labirinto das Sombras*, além de iniciadora na TCS²⁵. Também esta se consagrando como sacerdotisa da Deusa Aset e iniciante na tradição de Bruxaria Germânica *Wanen*, além de reikiana de primeiro nível e iniciada no Reiki de Isis. .

²⁵ A TCS é uma Tradição de Wicca Hecatina e foi fundada em Agosto de 2006 por Naelyan Wyvern e Dylan Siegel. Para conhecer mais sobre a TCS e seus fundadores, visitar: <<https://caminhosdassombras.wordpress.com/>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

As perguntas feitas durante as entrevistas foram voltadas para se buscar conhecer como que se deu o primeiro contato desses praticantes com a religião, buscando saber também como foi a reação de seus familiares e amigos. Qual era a compreensão deles sobre a bruxaria, e como eles decidiram que realmente queriam seguir o caminho.

Essas entrevistas serviram como base para confirmar as hipóteses que foram levantadas durante o estudo da bibliografia especializada lida e das outras fontes escolhidas. A hipótese de que a partir de Gerald Gardner, a bruxaria saiu das sombras em que se mantinha no passado de uma história de lutas injustas, repressão e intolerância, trazendo a bruxaria para o mundo moderno como uma religião que seus praticantes pudessem aderir livremente.

Aileen Daw²⁶ nos conta que a primeira vez que ouviu falar da Wicca foi através de um trabalho na escola que precisou fazer sobre Magia e acabou conhecendo a Wicca. Que antes de seguir a religião, era católica e por dois anos antes de começar a estudar realmente sobre Bruxaria, dizia ter sua própria religião, até decidir que queria fazer parte da Wicca e seus pais concordaram em levá-la a alguns eventos organizados pela Arawicca. Nessa época tinha apenas 17 anos.

Klaus Eduardo nos conta que conheceu a Wicca no ano de 2001. Ele e um amigo se interessaram em começar a buscar informações sobre magia e ao adquirir um livro de magia, começaram a praticá-la. Posteriormente, devido a falta de tempo, medo da reação dos pais e outros acontecimentos que se sucederam, eles desistiram. Dois anos depois, ao mudar de escola, ele conhece outra pessoa que o leva a conhecer a Wicca no ano de 2004, fez que Klaus escolhesse a Wicca como sua religião, que pratica até hoje, como afirma o sacerdote, em suas palavras, “*a exercer a bruxaria como ofício*” (KLAUS, 2015).

Klaus ainda relata em seu testemunho, que:

K.E- Conheci a Wicca em um período muito difícil em minha vida, estava em um conflito interno muito grande sobre as questões espirituais, tinha acabado de sair da religião católica e começado a me redescobrir como pessoa. (EDUARDO, 2015).

²⁶ Para saber mais sobre Aileen Daw, visitar: <<https://caminhosdassombras.wordpress.com/2009/10/14/um-breve-resumo/>> Acesso em 31 de Maio de 2015.

Quanto à percepção que ambos tinham antes e depois de conhecer o mundo mágico e a Wicca, Aileen explica que antes não sabia muita coisa sobre bruxaria, além do que as pessoas sempre falaram, mas que foi somente a partir do curso que fez na Abrawicca que começou a compreender como era a bruxaria realmente. Como a própria diz em seu relato:

A.D- Eu me apaixonei pelo universo que estava conhecendo e achava tudo muito fantástico. Ficava pensando como era legal alguém pegar e criar do nada uma meditação e sentir a energia de uma planta ou pedra pra ver se era compatível com nosso objetivo. Achava que isso era super especial. Hoje vejo que é muito mais simples do que eu pensava na época, é só deixar fluir. (DAW, 2015)

Para Klaus a bruxaria era algo oculto, que apenas quem tinha acesso eram pessoas que possuíam uma linhagem sanguínea, mas que já tinha ouvido falar sobre por meio do seu pai, que embora seja católico consultava uma bruxa, além de outros membros de sua família que também praticaram. Ao entrar em contato com a bruxaria e começar a praticá-la ele explica:

K.E- Assim que comecei a realizar os *sabbats* e ritos de lua cheia obtive o aprendizado da paciência, o qual tudo tem seu tempo e momento para realização de cada projeto em nossa vida, aprendi a ser uma pessoa mais centrada e ter um contato íntimo com o mundo físico e espiritual, percebi como a vida humana está interligada com a natureza ao nosso redor e que é dela que tiramos tudo. A ter um amor ao próximo como irmão de sangue, pois todos nasceram da mesma mãe e pai universal. Hoje em dia minha visão de bruxaria é diferente daquela época quando estava penetrando nos conhecimentos da arte, hoje a vejo com mais seriedade e cautela, pois estamos lidando com forças e espíritos os quais merecem todo zelo e cuidado (EDUARDO, 2015).

Quanto à reação das pessoas após eles terem escolhido trilhar o caminho da Bruxaria e a pressão judaica-cristã sobre a Wicca, Aileen conta que da parte de seus pais a reação foi

tranquila, e que os próprios a levavam as aulas na Arawicca quando iniciou o curso. Ao se tratar de sua família, houve alguns enfrentamentos com algumas tias, uma que insistia em convertê-la a fé cristã e que até hoje ainda se chateia quando entram no assunto. E outra tia junto a sua avó que tinham algumas ressalvas, mas que compreenderam que a bruxaria era uma religião séria.

A.D- Essa tia tem um trabalho espiritual muito legal e, depois que entendeu que o meu caminho também, era legal, começou até a me consultar sobre algumas ervas e outras coisas. Hoje não tenho nenhum problema nesse sentido (DAW, 2015).

Sobre a pressão judaico-cristã, ela acredita que tudo não passa de pessoas que tratam a sua verdade como única e absoluta e que não se importam em ouvir o que as pessoas de outros caminhos têm a dizer. Aileen prefere nunca entrar em discussão buscando manter uma relação pacífica, receando a pressão política que pode haver por intermédio da Bancada Evangélica, mas que sente segurança em o Estado ser laico, desse modo garantindo os direitos de expressar livremente sua religião. Ela considera que não precisa provar nada para ninguém.

Klaus antes de seguir a Wicca era católico, assim como os seus pais. Quando ele começou a praticar a Wicca, inicialmente a reação de seus pais foi de medo, mas que depois se tranquilizaram aceitando.

K.E- Minha religião oficial antes era católica, meus pais também são católicos, no início eles ficaram com medo de eu não ter controle ou invocar uma força ruim para dentro de minha casa, mas, depois virão que não ocorreria (EDUARDO, 2015).

Ele conta que no início quando começou a estudar sobre magia, um dos motivos de ter desistido foi por ter medo da reação de seus pais caso descobrissem. Além da aceitação de seus pais, ele explica que muitos familiares seus não sabem de suas crenças, pois para ele importante é a família com quem ele convive, e que os seus amigos não vem a sua religião

como algo ruim, e que muitos até buscam se aconselhar com ele e lhe pedir algumas dicas mágicas sobre limpeza e purificação.

Quanto aqueles que possuem uma visão judaico-cristã ainda muito fechada, ele percebe que estes vêm deturpadamente a Wicca, que mesmo no século XXI as pessoas ainda fazem más associações com relação à bruxaria. Ele acredita que através de todos os projetos e eventos que são produzidos, isso vai contribuindo também para que mudanças aconteçam sobre o modo das pessoas encararem a bruxaria.

Ambos entrevistados concordam que o papel que Gardner teve foi fundamental para que a Bruxaria tivesse a liberdade que tem hoje em grande parte do mundo, não somente a Wicca, mas tantos outros caminhos que sucederam após Gardner a ter revelado ao mundo do século XX. Que embora, os caminhos que vieram depois dele não sigam tudo o que ele escreveu e ensinou, e que grandes mudanças tenham transformado a Wicca, mas Gerald Brousseau Gardner tornou-se esse grande “pai” da bruxaria do mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos através da análise historiográfica de obras sobre a História da Bruxaria, da literatura wiccaniana e da coleta de entrevistas com praticantes da religião, discutir o papel e a influência que a religião neopagã Wicca teve (e ainda continua tendo) em apresentar a bruxa ao mundo sob uma ótica totalmente diferente dos estereótipos que foram construídos no passado. Discutimos sobre como ressurge a Wicca, após tantos anos a bruxaria ter permanecido silenciada e escondida.

Embora Gardner tenha formado a Wicca praticada no mundo contemporâneo, os wiccanianos acreditam que ela é uma religião antiga, que tem suas origens nos tempos mais remotos do passado europeu e que foi demonizada pela Igreja, que fez uma inversão de suas crenças, demonizando os deuses e a própria mulher, que tornou-se a bruxa do pacto demoníaco na época das grandes perseguições. Como nos diz a bruxa oficial de Salem, Laurie Cabot (1991), ao defender que a postura de Murray também contribuiu para a imagem da bruxa no mundo atual e que Gardner teve esse papel fundamental em difundir a Arte da bruxaria:

Talvez sua maior contribuição para a "nova imagem" da Bruxa no século XX tenha sido provar que as práticas pré-cristãs não se extinguíram com a chamada conversão dos povos pagãos à Igreja, e mostrar de forma convincente que o Deus Cornífero dos nossos ancestrais não era o Satã cristão [...] Basicamente a versão de Gardner contribuiu muito para a moderna Feitiçaria: rituais orientados para a fertilidade a fim de reverenciar o Deus Cornífero das Florestas e a Tríplice Deusa com cânticos, danças e meditação, celebrados nos oito sabás e nas luas cheia e nova. O ritual de trazer para baixo a Lua, recitar a Exortação da Deusa, invocar o Deus e a Deusa Corníferos, realizar cerimônias de cura e outras obras de magia positiva são centrais para a tradição gardneriana. As Assembléias são lideradas por um sumo sacerdote e uma suprema sacerdotisa, que treinam e iniciam outros no método gardneriano, confiando seus Livros das Sombras aos iniciados para que os estudem a fim de aprender as leis e liturgias da Arte. (CABOT, 1991, p. 94-95)

Percebemos que a Wicca atravessou o atlântico e ganhou novas direções, fundindo-se a várias tradições, que teve muitas de suas práticas iniciais modificadas e algumas práticas do Gardner não foram seguidas. O momento pós- Segunda Guerra Mundial, os conflitos sociais, políticos, culturais e religiosos que constituíam o Movimento contracultural, levaram as pessoas a buscarem outros caminhos religiosos alternativos. A união da bruxaria com o feminismo através da Tradição Diânica também trouxe novos adeptos a Wicca. O advento da Nova Era tornou o mundo místico e esotérico em boa parte mercadológico, a internet e as mídias cinematográficas, contribuíram para que não apenas a Wicca, mas a bruxaria se expandisse, e tenha conseguido cativar as pessoas, despertando o interesse principalmente dos jovens por esse caminho.

Conclui-se que sem esse cenário de rupturas sociais, políticas, culturais e religiosas do século XX, a Bruxaria não teria se desenvolvido tanto e não teria conquistado novos espaços de liberdade na sociedade. Mas muito se deve principalmente a Gerald Gardner por ter sido aquele que revelou as bruxas ao mundo contemporâneo, e finalizo com suas palavras:

A bruxaria não foi, e não é, um culto para todos. A não ser que você tenha uma atração para o oculto, um senso de fantástico, um sentimento que você pode escorregar por alguns minutos deste mundo para o outro mundo de encantamento, ela não terá uso para você (GARDNER, 2003, p.20).

BIBLIOGRAFIA

1) Obras teóricas sobre a bruxaria e bibliografia geral:

BELLAH, ROBERT. *A Nova consciência religiosa e a crise na modernidade*. Religião e Sociedade, n° 13/2, julho, 1986.

_____. *Evoluzione religiosa* In: D. ZADRA, Sociologia della religione. Testi e documenti. Hoepli. Milão, 1969. pp. 333-353 [Religious Evolution. “American Sociological Review” 1964,358-374].

CAMPOS, Luciana de & LANGER, Johnni. *The wicker man: reflexões sobre wicca e o neo-paganismo*. Revista Fênix. 4 (2) ,2007 , pp.1-21.

CARVALHO, José Jorge de. *O Encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade*. In: MOREIRA, A; ZICKMAN, R (orgs). *Misticismos e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes/UFS, 1994.

CAVALCANTE, Francisca Verônica. *Os tribalistas da Nova Era*. Teresina, Fundação Quixote, 2009.

CIPRIANI, Roberto. *Manual de sociologia da Religião*. São Paulo: Paulus, 2007.

CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios: A ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna*. São Paulo: Edusp, 2006.

D’ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a nova era*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300–1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELIADE, MIRCEA. *Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

FRAZER, J. G. *O Ramo de Ouro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. .

MAGGIOCO, Sabina. *Pagans*. In: HARVEY, Graham. *Religions in Focus: New Approaches to Tradition and Contemporary Practices*. Equinox, London, 2009.

_____. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MAGNANI, José Guilherme. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*, São Paulo, Studio Nobel, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003.

MOREIRA, A; ZICKMAN, R (orgs). *Misticismos e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes/UFS, 1994.

MURARO, Rose Marie, *Textos da fogueira*. Brasília: Letraviva, 2000.

MURRAY, Margaret A. *O culto das bruxas na Europa ocidental*. São Paulo: Madras, 2003.

_____. *O Deus das feiticeiras*. São Paulo: Gaia, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e História*. São Paulo: Ática, 1991.

PRITCHARD, E.E. Evans. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.

RUSSEL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. São Paulo, Aleph, 2008.

SALLMANN, Jean-Michel. *As bruxas: noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. *A feitiçaria na Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. *História das mentalidades e história cultural*. In: CARDOSO, C.F; VAINFAS, R. (orgs.) *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

2) Teses e Dissertações sobre a Wicca

BEZERRA, Karina Oliveira. *A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife*. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

BOSTULIM, Regina. *Wicca*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Escola Superior de Teologia, 2007.

DUARTE, Janluis. *Os bruxos do século XX: Neo paganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-Guerra*. Dissertação de Mestrado, Brasília: UNB, 2008.

_____. *Reinventando tradições: Representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*. Tese de doutorado. Brasília: UNB, 2013.

FILHO. Celso Luiz Terzetti. *Um Bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2012.

_____. FÓRUM. *A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen*. São Paulo: REVER Ano 14 N° 02 Jul/Dez 2014.

OSÓRIO, Andréa B. *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina*. Tese de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ/PPGSA, 2001.

SCHWADE, Elisete. *Deusas Urbanas: Encontros, experiências e espaços neo-esotéricos no nordeste*. Tese de Doutorado, São Paulo: PPGAS/USP, 2001.

SOARES, Danieli Siqueira. *Rituais contemporâneos e o neopaganismo brasileiro: o caso da Wicca*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2007.

FONTES

1) Obras sobre a Wicca e associados:

BOURNE, Lois. *Autobiografia de uma Feiticeira*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

BRACELIN, Jack. *Gerald Gardner, Witch*. London: Octagon Press, 1960.

- BRADLEY, Marion Zimmer. *As brumas de Avalon*, vols. 1 a 4. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BUCKLAND, Raymond. *The Tree: The Complete Book of Saxon Witchcraft*. New York: Weiser, 1974.
- CABOT, Laurie. *O Poder da Bruxa*. Rio de Janeiro: Carnpu, 1991.
- COELHO, Paulo. *Brida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- CUNNINGHAN, Scott. *A Verdade sobre a Bruxaria Moderna*. São Paulo: Gaia, 1998.
- DUNWICH, Gerina. *Wicca: a feitiçaria moderna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. *O Deus dos Magos*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- _____. *Oito Sabás para Bruxas*. São Paulo: Anúbis, 1983.
- FRAZÃO, Márcia. *A cozinha da bruxa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- GARDNER, Gerald B. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.
- _____. *O Significado da Bruxaria*. São Paulo: Madras, 2003.
- _____. *High Magic's Aid*. Essex: I-H-O Books, 1999.
- _____. *A Goddess Arrives*. Essex: I-H-O Books, 2000.
- GRIMASSI, Raven. *Enciclopédia de Wicca e Bruxaria*. São Paulo: Gaia, 2004.
- HOLZER, Hans. *A verdade sobre a Bruxaria*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.
- JONES, Evan J; VALIENTE, Doreen. *Feitiçaria: a tradição renovada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- LELAND, Charles G. *Aradia: o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000.
- MILLENIUM. *Wicca – A Bruxaria Saindo das Sombras*. São Paulo: Madras, 2004.
- PRIETO, Claudiney. *Wicca – a religião da Deusa*. São Paulo: Gaia, 2000.
- _____. *Wicca para todos*. São Paulo: Alfabeto, 2009
- _____. *Wicca: ritos e mistérios da bruxaria moderna*. São Paulo: Gerninal, 1999.

STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

TUITEAN, Paul ; DANIELS, Estelle. *Wicca Essencial*. São Paulo: Pensamento, 2004.

VALIENTE, Doreen. *The rebirth of Witchcraft*. ed. ilustrada. Estados Unidos: Robert Hale, 2008.

VAN FEU, Eddie. *Wicca*. São Paulo: Escala, 2001.

2) Obras históricas sobre a Bruxaria

KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

3) Entrevistas

DAW, Aileen. Entrevistada realizada via email no dia 30 de Abril de 2015. Entrevista concedida a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo.

EDUARDO, Klaus. Entrevista realizada em Natal-RN no dia 22 de maio de 2015. Entrevista concedida a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo.

4) Sites Consultados

Além da lenda. Disponível em: <<http://www.alemdalenda.com.br/>> Acesso em 31 de Março de 2015.

Associação Brasileira da arte e filosofia da Religião Wicca - Abrawicca. Disponível em: <<http://www.abrawicca.com.br>> Acesso em 09 de Março de 2015

Igreja da Bruxaria e Wicca do Brasil – IBWB Disponível: <<http://www.ibwb.com.br/>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

Mistério dos Deuses <<http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2014/08/o-altar-sagrado-das-bruxas.html>> Acesso em 15 de Maio de 2015.

Museu de Bruxaria de Castletown. Disponível em: <<http://www.museumofwitchcraft.com/index.php>> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

The Website Oficial of Janet Farrar and Gavin Bone. Disponível em: <<http://www.callaighe.com>> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

Tradição Caminho das Sombras <<https://caminhosdassombras.wordpress.com/>> Acesso em 20 de Abril de 2015.

União Wicca do Brasil- UWB. Disponível em: <<http://uniaowiccadobrasil.org.br/>> Acesso em 05 de Abril de 2015.

Wicca – Old Religion. Disponível em: <<http://www.oldreligion.com.br/>> Acesso em 20 de abril de 2015.

5) Filmes e séries de TV

A FEITICEIRA (Bewitched). Criação: Sol Banks (1964). Produção: Danny Arnold's entertainment, Inc. and Na Ashmont Production. Companhias Produtoras: Columbia Television e William Asher. EUA: ABC. Brasil: Rede Excelsior, Rede Globo, Rede Bandeirantes, Rede Record, Rede 21, Rede Brasil de Televisão, Nickelodeon, TCM. 1964-1972 (248 episódios). Duração: 30 minutos, Preto e Branco e Colorido. Legendado e dublado.

CHARMED. Criação: Constance M. Burge. Direção: James L. Conway, Mel Damski e outros. Produtores: Brad Kern, Constance Burge, Aaron Spelling e E. Duke Vincent. EUA: The CW, 1998. Duração: 40-45 minutos.

DA MAGIA A SEDUÇÃO (Practical Magic). Direção: Griffin Dunne. Produção: Denise de Novi. Roteiro: Robin Swicord, Akiva Goldsman e Adam Brooks Baseado em Practical Magic de Alice Hoffman. EUA: 1998. Duração: 103 minutos.

JOVENS BRUXAS (The Craft). Direção: Andrew Fleming, 1996. Roteiro: Andrew Fleming e Peter Filardi. EUA, 1996. Duração: 101 minutos.

O HOMEM DE PALHA (The wickerman). Direção: Robin Hardy, 1973. London: Films/Dark side, 1973. 1 DVD, Brasil, 2003. Roteiro de Anthony Shaffer.

SABRINA, APRENDIZ DE FEITICEIRA (Sabrina, the teenage witch). Criação: Nell Scovell. Produção: Finishing the Hat Productions, Hartbreak Filmes, Viacom e CBS Television Distribution. EUA, 1996. Duração: 30 minutos.

ANEXOS

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 01

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: JANICE VILELA (AILEEN DAW) **CIDADE:** BRASÍLIA-DF

DATA: 30/04/2015

K.A- Como você conheceu a Wicca?

A.D- Ouvi o nome muito tempo atrás, mas descobri o que era quando fiz um trabalho para o colégio cujo tema era Magia.

K.A- Qual era a sua religião antes? E a dos seus pais? houve conflitos?

A.D- Eu fui católica, mas uns dois anos antes de realmente começar a praticar eu já não me considerava mais nada, dizia que tinha minha própria religião. Meus pais são cristãos nada praticantes, foram comigo a alguns eventos da Arawicca, viram que era tudo tranquilo e me deram autorização para participar (eu tinha 17 anos).

K.A- Antes de decidir fazer parte da religião, você já tinha ouvido falar algo dela? Como você enxergava a bruxaria antes do seu contato com a Wicca?

A.D- Muito pouco. Não sabia muita coisa, não tinha muita ideia do que era de fato bruxaria, a não ser o que a gente ouve por aí (que tem muita bobagem). Foi no curso da Arawicca que comecei a entender direito.

K.A- Durante o primeiro momento que você passou a estudar, a envolver-se com a religião, quais foram as suas percepções sobre a bruxaria? O que mudou? E hoje, continuam as mesmas ou não?

A.D- Eu me apaixonei pelo universo que estava conhecendo e achava tudo muito fantástico. Ficava pensando como era legal alguém pegar e criar do nada uma meditação e sentir a energia de uma planta ou pedra pra ver se era compatível com nosso objetivo. Achava que isso era super especial. Hoje vejo que é muito mais simples do que eu pensava na época, é só deixar fluir.

K.A- Fale um pouco sobre o caminho que você segue. (Solitário, coven, tradição).

A.D- Sou da Tradição Caminhos das Sombras desde sua fundação e, antes disso, do Grove da Naelyan quando era parte da TDB. Sou co-fundadora do Coven Labirinto das Sombras em Brasília. Sou iniciadora na TCS, também estou me consagrando como sacerdotisa de Aset. Além disso, sou Iniciante na Wanen. Sou Reikiana de primeiro nível, iniciada também no Reiki de Isis.

K.A- Além de suas práticas pessoais, você se envolve em algum projeto voltado a bruxaria?

A.D- O maior projeto é o auxílio ao público online com os vídeos do Youtube e as páginas e grupos da TCS. Acaba não dando tempo pra muitas outras coisas [riso].

K.A- Após você ter escolhido trilhar o caminho da Arte, como foi a reação das pessoas a sua volta? Com o passar dos anos, como isso prosseguiu?

A.D- Meus pais foram tranquilos. Uma tia tentou me converter, até perceber que não ia ter nenhum resultado, e agora só olha de cara feia quando falamos disso perto dela. Minha avó e outra tia também tinham algumas ressalvas até perceberem que era um caminho sério. Essa tia tem um trabalho espiritual muito legal e, depois que entendeu que o meu caminho também era legal, começou até a me consultar sobre algumas ervas e outras coisas. Hoje não tenho nenhum problema nesse sentido.

K.A- Como você vê a pressão judaica cristã sobre a wicca?

A.D- Nada sério, só pessoas-paredes (que não querem nem ouvir o que você tem a dizer porque a verdade delas é absoluta demais), e aí eu aprendi a não render assunto. Tenho certo receio da pressão política por causa da bancada evangélica, mas felizmente ainda temos um estado laico que garante nossos direitos, independente do que os cristãos achem sobre isso. Não tenho que provar nada pra ninguém e respeito todo mundo, então procuro manter uma relação pacífica.

K.A- Sobre o Gerald Gardner, o quanto você acha que ele contribuiu para que a imagem da bruxaria se tornasse positiva?

A.D- Ele foi pioneiro em abrir a Bruxaria depois de tanto tempo nas sombras. Acho que o trabalho dele foi essencial para o quadro de Bruxaria que temos hoje, bastante livre na maior parte do mundo.

ENTREVISTA 02

DADOS DO ENTREVISTADO

NOME: KLAUS EDUARDO **CIDADE:** NATAL-RN

DATA: 22/05/2015

K.A - Como você conheceu a Wicca?

K.E- Conheci a *wicca* em um período muito difícil em minha vida, estava em um conflito interno muito grande sobre as questões espirituais e a bruxaria, tinha acabado de sair da religião católica e começado a me redescobrir como pessoa.

O ano é 2001 quando me reencontrei com um amigo, o qual, também tinha interesses e curiosidades sobre o assunto e junto com ele começamos nossa caminhada, nesse tempo eu tinha uns 12 anos de idade, quando fomos atrás de informações sobre o assunto procuramos em vários lugares até que encontramos um livro de magia e começamos a praticá-lo tivemos vários resultados, mas no final não queríamos mais praticar, por questão de tempo, de medo de nossos pais e entre outros acontecimentos. Logo após dois anos entre em uma escola chamada Piaget onde conheci outra pessoa que me direcionou a *wicca*, a conhecê-la e realizar suas práticas isso foi no ano de 2004, desde então me apaixonei e estou nela até hoje levo ela como religião, e a bruxaria como ofício.

K.A- Qual era a sua religião antes? E a dos seus pais? Houve conflitos?

K.E- Minha religião oficial antes era católica, meus pais também são católicos, no início eles ficaram com medo de eu não ter controle ou invocar uma força ruim para dentro de minha casa, mas, depois virão que não ocorreria!

K.A-Antes de decidir fazer parte da religião, você já tinha ouvido falar algo dela? Como você enxergava a bruxaria antes do seu contato com a Wicca?

K.E - Para mim bruxaria era algo obscuro e oculto que só os que tinha linhagem sanguínea que poderiam obter esse privilégio de ser bruxo, já ouvira falar da bruxaria em minha própria casa, pois meu pai mesmo sendo católico se consultava “secretamente” com uma bruxa chamada *Ivanosca*, fora que com o passar do tempo descobri que muitos na árvore genealógica da família também praticavam.

K.A - Durante o primeiro momento que você passou a estudar, a envolver-se com a religião, quais foram as suas percepções sobre a bruxaria? O que mudou? E hoje, continuam as mesmas ou não?

K.E- Assim que comecei a realizar os *sabbats* e ritos de lua cheia obtive o aprendizado da paciência, o qual tudo tem seu tempo e momento para realização de cada projeto em nossa vida, aprendi a ser uma pessoa mais centrada e ter um contato íntimo com o mundo físico e espiritual, percebi como a vida humana está interligada com a natureza ao nosso redor e que é dela que tiramos tudo. A ter um amor ao próximo como irmão de sangue, pois todos nasceram da mesma mãe e pai universal. Hoje em dia minha visão de bruxaria é diferente daquela época quando estava penetrando nos conhecimentos da arte, hoje a vejo com mais seriedade e cautela, pois estamos lidando com forças e espíritos os quais merecem todo zelo e cuidado.

K.A- Fale um pouco sobre o caminho que você segue. (Solitário, coven, tradição).

K.E-Bem desde 2008 que tenho um coven. Neste somos ao todo hoje em dia 4 pessoas, no início erámos mais abertos a encontros e a trazer novos integrantes, hoje em dia após oito anos estamos cada vez mais seletivos, porque o princípio de um *coven* é o perfeito amor e a perfeita confiança e normalmente o *néofito* que tem que se moldar ao círculo, o qual deseja fazer parte, além de que para nós um *coven* está intimamente ligado à família, nós temos essa visão que somos todos irmãos de uma mesma linhagem mesmo que sem sermos do mesmo sangue. Hoje em dia nos encaixamos como ecléticos, mas temos uma visão que possa se torna uma tradição no futuro, seguimos a Wicca como base, mas estudamos outras vertentes como bruxaria tradicional e o helenismo, temos um culto todo ligado a Deuses gregos, procuramos realizar rituais ligados a Grécia antiga, eu como sacerdote iniciado na Wicca, participo do fórum do RHB (Reconstrucionismo Helênicos no Brasil) de onde tiro algumas informações e as mesclo com a Wicca, como disse acima, praticamos a roda do ano, pois a temos como algo

sagrado por ela envolver os ciclos da natureza e entre uma roda e outra a celebrações e festejos a Deuses gregos.

K.A- Além de suas práticas pessoais, você se envolve em algum projeto voltado a bruxaria?

K.E-Um dos projetos que procuro auxilia o organizador é o Dançando para Florescer um evento voltado para todos os que buscam a antiga religião independente de linhagem, tradição ou vertente a ser seguida. É participo como palestrante do Ventre Negro, um encontro mensal entre bruxos e pagãos de Natal/RN. Também organizo luaus para conversas gostosas junto a um bom vinho.

K.A- Após você ter escolhido trilhar o caminho da Arte, como foi à reação das pessoas a sua volta? Com o passar dos anos, como isso prosseguiu?

K.E-Assim, algumas pessoas da minha família não sabem de minha crença, até porque quem realmente é importante para mim é a família, na qual eu convivo. Mas, a maior parte dos meus amigos não a vem como algo ruim, pelo contrário até me buscam para conselhos sobre suas vidas e a também para realização de rituais, ligado a limpeza e purificação.

K.A-Como você vê a pressão judaico-cristã sobre a Wicca?

K.E-Muito complicada, os Cristões ainda tem uma visão deturpada da wicca, acredito que com os projetos e eventos isso possa mudar pelo menos espero. Sofremos muitas perseguições, mesmo em pleno século XXI.

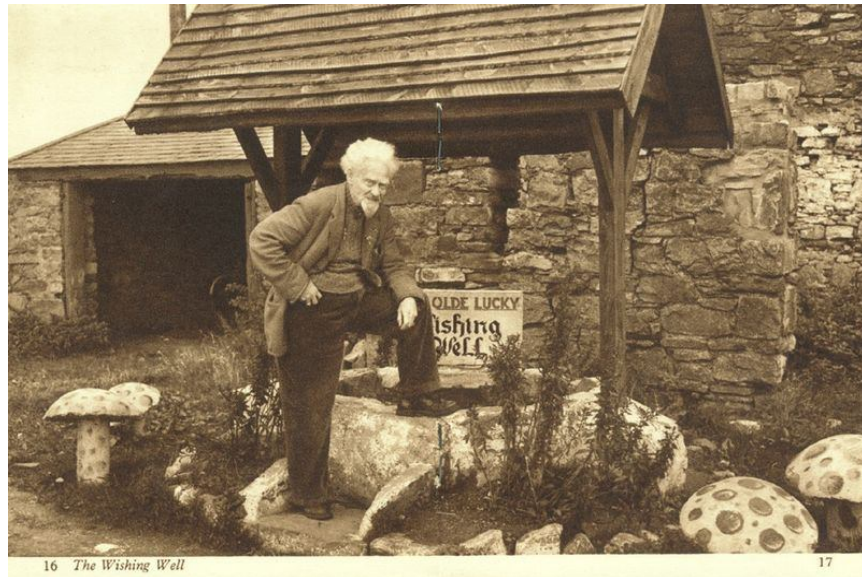
K.A- Sobre o Gerald Gardner, o quanto você acha que ele contribuiu para que a imagem da bruxaria se tornasse positiva?

K.E-Gardner foi um pai e acredito que se não fosse por ele hoje em dia não seríamos tantos, mas também que os ideias dele não eram bem os que existem hoje em dia, ainda tem muito o que se trilhar e separar, pois nem tudo é wicca e nem muito menos bruxaria, algumas coisas que estão por ai no mundo são fantasias, ou até mesmo uma manipulação total.

K.A- Quanto à mídia, o que você acha da imagem da bruxa que Hollywood vem produzindo nos últimos anos?

K.E- Muita coisa foi somente mídia, ela ajuda às vezes e muita vez atrapalha! Os filmes às vezes mostram só um lado da moeda sobre a bruxaria, que é boa, da sede de poder, manipulação total em cima das pessoas ou muitas vezes como contos de fadas. Mas não podemos negar o fato que eles auxiliaram e muito a caminhada dos irmãos do caminho se é que posso chamar todos assim. Outra paixão minha é o cinema, então acredito e espero novos filmes sobre o tema e que mostrem que bruxos não são o mal pintado por ai. Aconselho assistir Salem, para se entender melhor sobre a história da bruxaria e procure retirar a visão cristã sobre o assunto.

Gerald Gardner no Museu das Bruxas de Castletown

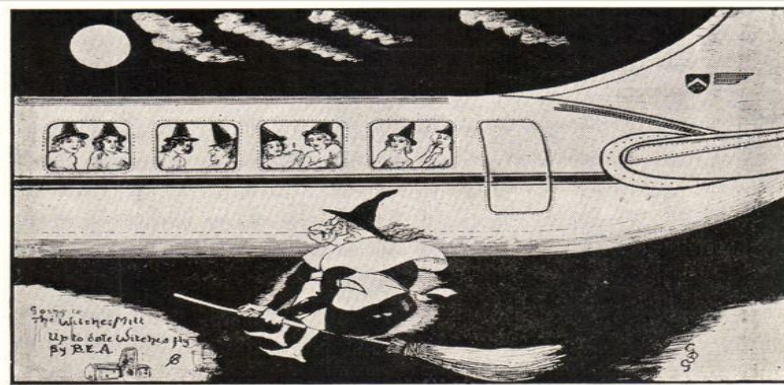


Fonte: Retirada do site < http://wicca.wikia.com/wiki/Gerald_Gardner>.

Cartão postal do Museu da Bruxaria.

Witches Mill Airline Postcard

Gerald was a pretty snazzy illustrator. This postcard advertises British European Airways. It's kind of a weird connection, I wonder how it came about.



"Up to date witches fly B. E. A."

Fonte: Página do Facebook "Wicca Gardneriana" < <https://www.facebook.com/wiccagardnerianabrasil?fref=ts>>

Gerald Gardner e a Alta-sacerdotisa Patrícia Crowther



Fonte: Retirada do site < <http://www.ahsbrasil.com/a-verdadeira-magia-de-coven-final/>>

Doreen Valiente



Fonte: Retirada do site

<http://en.wikipedia.org/wiki/Doreen_Valiente#/media/File:Doreen_Valiente.JPG>

Coven de Alex Sanders



Fonte: Retirada do site:< http://www.witchcraftandwitches.com/witches_sanders.html>

Maxine e Alex Sanders durante o Grande Rito



Fonte: Retirada do site: <http://sabatnik.pl/ang/articles.php?cat_id=17>

